



A messe é grande

**Instrutivo de Formação III
para Equipes de Animação Vocacional**



agostinianos
recoletos

A messe é grande

Instrutivo de formação III
para equipes de animação vocacional

Módulo III



ORDEM DOS AGOSTINIANOS RECOLETOS
SEÇÃO DE Vocações

I n t r o d u ç ã o

Quero agradecer a todos os leigos e religiosos que dedicam sua vida ou parte de seu tempo à animação vocacional, ao difícil trabalho de arar o terreno e lançar, como se faz com as sementes, perguntas, reflexões e testemunhos de vida que inquietam o coração dos jovens. Agradeço o esforço que estão fazendo para criar entre nós essa cultura vocacional, que significa viver a vida como resposta ao chamado de Deus, descobrindo nossa missão específica na Igreja. Obrigado por agirem como despertadores neste mundo adormecido, habitado por muitas pessoas sonolentas que levam a vida sem se questionar e se contentam em apenas sobreviver. Animo-os a vocacionar toda a realidade que nos circunda, principalmente a pastoral que realizamos, isto é, atuar de modo que toda expressão pastoral manifeste de maneira clara e inequívoca um projeto, um dom de Deus destinado à pessoa, e suscite nela o desejo de resposta e de compromisso pessoal.

Diz o Papa Francisco: “Precisamos de irmãos e irmãs experientes nos caminhos de Deus, para fazer o que fez Jesus com os discípulos de Emaús: acompanhar no caminho da vida e no momento da desorientação e reacender neles a fé e a esperança mediante a Palavra e a Eucaristia (cf. Lucas 24,13-35). Esta é a delicada e comprometida tarefa de um acompanhante...” (Plenária dos Institutos de Vida Religiosa. 28.01.2017).

Com o terceiro volume da coleção A messe é grande pretendemos ajudar na formação, no acompanhamento e na animação das equipes vocacionais da Ordem, que funcionam em muitas de nossas comunidades e ministérios; queremos continuar insistindo e aprofundando na formação bíblica,

antropológica, teológica e pastoral tanto dos leigos como dos religiosos, porque colocar o carisma nas mãos dos leigos, como nos pede o Papa Francisco, implica tomar a sério a formação dos mesmos, já que todos temos que dar razão de nossa fé e de nossa esperança, e todos devemos ter a oportunidade de contar com ferramentas como estes instrutivos que nos ajudem e facilitem o trabalho que nos é confiado.

Aos que aceitaram o desafio de ser animadores vocacionais, gostaria de recordar-lhes o que disse o Papa Bento XVI e repetido por Francisco na *Evangelii Gaudium* ao falar da evangelização, mas que nós podemos muito bem aplicar ao trabalho vocacional: a igreja não cresce fazendo uso de proselitismo mas por atração, como Cristo nos atrai a todos com a força do seu amor, que culminou no sacrifício da cruz. A vocação é dom de Deus, suscitado no coração das pessoas através das mediações humanas, especialmente daqueles irmãos e irmãs que vivem com alegria e entusiasmo sua fé, que fazem de sua vida uma entrega generosa e se colocam a serviço do Evangelho e das necessidades da Igreja.

O material formativo que oferecemos é muito valioso e necessário, mas o que é totalmente imprescindível para animar a pastoral vocacional é vibrar com nossa própria vocação e amar o que somos, a ponto de estar dispostos a dar a vida. Não há melhor maneira de atrair e de convencer e sem necessidade de muitas explicações, teorias e argumentos. Somente quem está apaixonado consegue despertar amor; só quem vive com alegria e paixão sua vocação consegue entusiasmar; só quem sente que Deus é quem proporciona felicidade e dá sentido à vida poderá anunciar o evangelho com autenticidade.

Que este instrutivo ajude você a descobrir, a conhecer e a amar mais ao Deus vivo que continua saindo, a cada dia, ao encontro das



peessoas nos caminhos da vida e seduzindo corações com a força de seu amor.

Fr. Miguel Ángel Hernández Domínguez,
Prior Geral da Ordem dos Agostinianos Recoletos

Índice

Introdução	3
Tema de orientação bíblica	9
Maria, modelo de toda vocação cristã.....	17
Tema de orientação antropológica.....	25
Projeto de Vida	32
Tema de orientação teológica	41
A vocação é para a missão.....	49
Tema de orientação pastoral.....	54
Jornada Mundial de Oração pelas Vocações	67
Os agostinianos recoletos.....	74

T e m a d e o r i e n t a ç ã o b í b l i c a

A resposta de Jesus ao chamado do Pai

Objetivo

Entender o acompanhamento e o discernimento enquanto agentes da pastoral das vocações, a partir da pessoa de Jesus Cristo. Enquanto homem, também ele experimentou o chamado divino e realizou um verdadeiro exercício de discernimento. Daí que a resposta do Senhor Jesus ao chamado do Pai é, para todo discípulo missionário, uma imensa luz que ilumina o caminho da busca da vontade divina.

Desenvolvimento do tema

Lucas 2,41-52

“Seus pais iam todos os anos a Jerusalém, à festa da Páscoa. Quando completou doze anos, subiram, como de costume, para a festa. Passados os dias da Páscoa, começaram a viagem de volta, mas o menino Jesus ficou em Jerusalém, sem que seus pais o notassem. Pensando que ele estivesse na caravana, fizeram um dia de caminho. Depois começaram a procurá-lo entre os parentes e conhecidos. Não o encontrando, voltaram a Jerusalém à sua procura. Três dias depois, o encontraram no Templo sentado entre os mestres, escutando e fazendo perguntas. Todos os que o ouviam estavam admirados com sua inteligência e suas respostas.

Ao vê-lo seus pais ficaram muito admirados e sua mãe lhe disse: «Meu filho, por que agiste assim conosco? Olha que teu pai e eu estávamos angustiados à tua procura». Jesus respondeu: «Por que estavam à minha procura? Não sabiam que eu devo estar na casa de meu Pai?». Eles, porém, não compreenderam suas palavras. Jesus desceu com eles para Nazaré, e era-lhes obediente. Sua mãe, porém, conservava cuidadosamente todas estas coisas em seu coração. E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante Deus e diante dos homens”.

Podemos pensar que Jesus, sendo o Filho de Deus, não requeria um chamado particular para cumprir sua missão no mundo. No entanto, como diz São Paulo na Carta aos Filipenses: “Cristo, apesar de sua condição divina, não fez alarde de ser igual a Deus, mas se esvaziou de si mesmo e tomou a condição de escravo, fazendo-se semelhante aos homens” (Filipenses 2,6-8).

A solidariedade do Filho de Deus com o ser humano é indicada também pela Carta aos Hebreus: “O Sumo Sacerdote que temos não é insensível à nossa debilidade, já que foi provado como nós em tudo, exceto no pecado” (Hebreus 4,15). Portanto, também Jesus, o consagrado ao Pai, experimentou o chamado de Deus; também ele foi se fazendo consciente através do discernimento de sua vocação.

No esforço de aprofundar-nos no chamado de Jesus, recorreremos agora a um fragmento do evangelho segundo São Lucas, conhecido como a cena do “Menino Jesus perdido no templo” (Lucas 2, 41-52). A perícopé bíblica pode ser dividida em três partes.

Primeira parte:

A cena apresenta-nos Jesus que sobe com seus pais a Jerusalém para a festa da Páscoa, um costume dos israelitas que se distinguem por sua fidelidade à Aliança. Os pais de Jesus são destes israelitas devotos. De fato, o evangelho

de são Lucas já o havia dito: *"Quando chegou o dia de sua purificação, de acordo com a lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para apresentá-lo ao Senhor como determina a lei do Senhor: 'Todo primogênito masculino será consagrado ao Senhor', e para fazer a oferenda prescrita na lei do Senhor: um par de rolinhas ou dois pombinhos"* (Lucas 2,22-35). Neste texto vê-se claramente que os pais de Jesus representam o povo de Deus que sobe a Jerusalém.

O texto assinala também que Jesus sobe com seus pais a Jerusalém quando estava com 12 anos de idade. Este é um detalhe importante pois, segundo a tradição do povo, aos 13 anos os meninos judeus passam da infância para a idade adulta com a celebração do *bar-mitzvá*, que significa filho da lei ou dos mandamentos.

Desta maneira, a idade dos 12 anos faz alusão ao tempo imediato de preparação para tomar a decisão definitiva de aceitar a lei de Deus e entregar-se a seu serviço. De fato, ao completar os 13 anos, a grande maioria dos jovens israelitas seguiam o ofício do pai, que aprendiam desde muito pequenos. No entanto, alguns também seguiam um mestre (rabino), para se preparar com profundidade para a vida religiosa judaica. Assim estamos diante de um momento decisivo de discernimento, que representa a passagem para a maturidade na vida do judeu devoto.

São Lucas nos ajuda a compreender como Jesus vai atingindo certa maturidade na religião judaica, ajudado por seus pais e através do cumprimento das tradições do Povo de Israel. A este respeito, pode ser dito que o chamado de Deus se vale de mediações, como são nossa família e o contexto religioso em que vamos crescendo.

Esta passagem crucial de maturidade está proposta na expressão *"ficou em Jerusalém"* (v. 43). Diz-nos que seus pais retornaram a Galileia, mas Jesus não

está com eles. Aquele adolescente toma sua primeira decisão: não seguir seus pais, não seguir a tradição simplesmente por seguir. Jesus fará algo novo, e seus pais o irão compreendendo pouco a pouco. Maria e José necessitarão de três dias para encontrar Jesus e dar-se conta da transformação interior do menino: "*Não sabiam que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?*".

Segunda parte:

Jesus está no meio dos mestres da lei, daqueles que custodiam a sabedoria do povo da aliança. O texto bíblico apresenta Jesus dialogando com os mestres da lei. No Antigo Testamento pode ser lido: "*A sabedoria elogia-se a si mesma no meio de seu povo*" (*Eclesiástico 24,1*). Pois bem, Jesus, enquanto sabedoria de Deus, está no meio dos "maravilhados" doutores e povo de Deus.

Nos versículos de 46 a 50 apresenta-se o diálogo de Jesus com seus pais, três dias após haver se separado. Maria e José o encontram precisamente no templo, fazendo alusão ao encontro entre Deus, presente em seu santuário, e o povo de Israel que o procura.

Quando seus pais o encontram após uma longa angústia, a reação de Jesus pode parecer desconcertante, quase como um ato de rebeldia: "*Por que me procuravam? Não sabiam que devo ocupar-me dos assuntos de meu pai?*". Pode-se dizer que o evangelho aqui antecipa aquele fracasso do povo de Israel diante de Jesus, pois parece não seguir as tradições.

Lucas parece mostrar que, assim como seus pais não captam a intenção do jovem Jesus, também grande parte do povo não captará a novidade de Deus trazida por Jesus. De fato, algo semelhante aparece na cena das bodas de Caná, conforme a narrativa do evangelho de São João (cf. *João 2,3-4*).

Depois das perguntas de Jesus a seus pais: "*Por que me procuravam? Não sabiam que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?*", percebemos como

Jesus também vai compreendendo o sentido de sua vocação. Assim, ocupar dos assuntos do Pai já é dispor-se a fazer sua vontade, como ele manifesta também no evangelho de São João " *meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e concluir a sua obra*" (João 4,34).

No versículo 50 assinala-se que os pais não entendem as palavras de Jesus. Agora é o povo que também não consegue compreender os sinais da presença de Jesus. Neste momento decisivo, Jesus vai se abrindo aos poucos à consciência do chamado do Pai. Isto ocorre no templo, lugar da presença de Deus. Portanto, pode-se dizer que ali é onde o povo tem condições de encontrar Deus; ali Jesus também vai perfilando sua opção vocacional pelo Reino.

Jesus diz cumprir a vontade do Pai, apesar de seus tutores não o compreenderem; embora o próprio povo também não o entenda. Às vezes, não é fácil para os pais entenderem as decisões de seus filhos em matéria vocacional. No entanto, é responsabilidade de todos ajudar as novas gerações a fazer um bom discernimento. E é importantíssimo captar os sinais da presença e da ação de Deus, através dos quais nos mostra o que ele quer de nós.

Terceira parte:

Por fim, os versículos 51 e 52 expressam o desenlace desta bela história vocacional. Aí aparece Jesus submisso a seus pais; volta com eles à localidade de Nazaré. No versículo 52 é dito que " *Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus e dos homens*". Este breve texto recorda-nos a figura do profeta Samuel, de quem se diz: " *Samuel crescia, e o Senhor estava com ele*" (1 Samuel 3,19). De fato, Samuel também recebeu o chamado vocacional no templo. Contudo, à diferença de Samuel, Jesus não fica no templo, mas percorre os povoados anunciando a Boa Notícia do amor do Pai.

Para a reflexão

Nesta passagem bíblica narra-se como Maria e José perdem Jesus em Jerusalém, cidade onde ele foi entregue à morte. Extravia-se em uma festa de Páscoa. Em uma festa de Páscoa Jesus levará a termo sua missão. Jesus é encontrado por seus pais três dias depois. O Crucificado ressuscitou ao terceiro dia. O adolescente Jesus sobe da Galileia a Jerusalém com seus pais. Jesus sobe a Jerusalém para a celebração da Páscoa. Jesus volta com seus pais a Galileia. O Ressuscitado reencontrará seus discípulos na Galileia, onde começou tudo.

Em várias passagens do evangelho de são Lucas Jesus aparece anunciando sua paixão aos discípulos (9,22; 9,44; 18,31), mas eles não o compreendem (cf. Lucas 9,45; 18,34). Também seus pais e o povo não compreenderam a novidade que estava se formando na pessoa de Jesus. Ele lhes pergunta: *"Por que me procuravam?"*, assim como pergunta às mulheres que foram ao sepulcro: *"Por que procuram entre os mortos o que está vivo?"* (Lucas 24,5).

Diante destes acontecimentos, Jesus declara que sua razão de ser é cumprir a vontade do Pai. De fato, Jesus termina sua missão dizendo: *"Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito"* (Lucas 23,46). Aos 12 anos Jesus fazia a opção radical de cumprir a vontade do Pai e de manifestar seu amor fiel e leal à humanidade.

Portanto, o modo com que Jesus respondeu ao chamado do Pai nos ensina que, conquanto pode parecer que somos nós que procuramos Jesus, na realidade é ele quem vem ao nosso encontro. No caminho de busca de nossa própria vocação, somos nós que andamos extraviados. Jesus não estava perdido. O que estava perdido era o povo de Israel, que tinha se afastado dos assuntos do Pai. A vocação do Filho é a de encontrar-nos e atrair-nos novamente ao seu amor.

Santo Agostinho

"Vejam, pois, irmãos, que ele não disse: *Convém que eu me ocupe das coisas de meu Pai*, para que entendêssemos que dizia algo como: «Vocês não são meus pais». Mas eles eram pais no tempo. Deus o era desde a eternidade. Eles eram pais do Filho do homem, o Pai o era de sua Palavra e Sabedoria, era Pai de seu Poder, por quem fez todas as coisas. Se todas as coisas são criadas por esse Poder que *chega de um confim a outro com fortaleza e dispõe tudo com suavidade*, pelo Filho foram formados, inclusive, aqueles a quem, depois, ele mesmo, enquanto filho de homem, ia estar submetido" (Santo Agostinho, *Sermão 51, 20*).

Magistério da Igreja

"A vocação é, pois, um mistério que o homem acolhe e vive no mais íntimo do seu ser. Dom e graça, depende da soberana liberdade do poder divino e, em sua plena realidade, escapa à nossa compreensão. Não precisamos exigir explicações do Doador de todos os bens - "Por que você fez isso comigo?" (cf. Rm 9,20) - porque quem chama é também "Aquele que é" (cf. Ex 3,14). Por outro lado, a vocação de cada um se confunde, até certo ponto, com o próprio ser: pode-se dizer que vocação e pessoa se confundem.

Isto significa que na iniciativa criadora de Deus entra um particular ato de amor para com os chamados, não só à salvação, mas ao ministério da salvação. Por isso, desde a eternidade, desde que começamos a existir nos desígnios do Criador e ele nos quis criaturas, também nos quis chamados, predispondo em nós os dons e as condições para a resposta pessoal, consciente e oportuna ao chamado de Cristo ou da Igreja. Deus Amor, que nos ama, é também "Aquele que chama" (cf. *Romanos 9,11*)" (João Paulo II, *Encontro com seminaristas em Porto Alegre*, 5 de julho de 1980).

Perguntas para a reflexão pessoal e comunitária ?

1. O que a vocação de Jesus te leva a pensar sobre a tua própria vocação?
2. Sentes que Deus te chama para quê?

M a r i a , m o d e l o d e t o d a v o c a ç ã o c r i s t ã

Objetivo

Conhecer o chamado e a resposta da Virgem Maria através do relato evangélico da anunciação (*Lucas 1,26-38*), como horizonte no qual se realiza toda vocação cristã.

Desenvolvimento do tema

1. A vocação de Maria de Nazaré (*Lucas 1,26-38*)

“No sexto mês Deus enviou o anjo Gabriel a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem prometida em casamento a um homem chamado José, da família de David; o nome da virgem era Maria. Entrando onde ela estava, o anjo lhe disse: «Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo».

Ao ouvir tais palavras ela ficou intrigada, e pôs-se a pensar qual seria o significado da que la saudação. O anjo, porém, lhe disse: «Não Tema, Maria, pois achaste graça diante de Deus. Conceberás e darás à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus. Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de David, seu pai; ele reinará sobre a casa de Jacó para sempre e seu reino não terá fim».

Maria respondeu ao anjo: «Como acontecerá isso, se eu não conheço homem algum?» O anjo respondeu-lhe: «O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso, o Santo que nascer será chamado Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na

velhice, e este já é o sexto mês daquela que consideravam estéril. Para Deus, com efeito, nada é impossível».

Disse, então, Maria: «Eu sou a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra». E o anjo retirou-se”.

2. Comentário ao texto

São Lucas se empenha em narrar uma origem nada comum da grande personagem de sua obra. Mas não fica no fictício e extraordinário. Insere o acontecimento da encarnação no mais singelo e coloquial da vida de um povo, contando com sua cultura, suas crenças, costumes e expectativas. De fato, o maior e mais extraordinário da história da humanidade ocorre no mais ordinário e comum da vida de uma mulher dotada de fé; pois é como o Deus de Jesus Cristo costuma intervir nos acontecimentos da vida humana. A vocação de Maria ocorre no transcorrer do tempo, em um espaço determinado, em uma tradição cultural e em uma forma muito pessoal de viver a fé de todo um povo.

No tempo. O texto começa dizendo que “no sexto mês o anjo Gabriel foi enviado” (Lucas 1,26). No sexto mês de que...? Da concepção de Isabel, prima de Maria. Sucedem-se as horas e os dias. É quando o Deus da vida decide manifestar sua presença salvadora. O mesmo evangelista tinha dito um pouco antes que isto ocorreu “no tempo do rei Herodes” (Lucas 1,5). A vocação nunca acontece à margem dos acontecimentos históricos, por mais que nos pareçam triviais e sem importância. É a fé que nos dá a perspectiva suficiente para fazer uma leitura da ação maravilhosa e surpreendente de Deus no ordinário da vida de cada pessoa.

No espaço. O evangelista diz que “o anjo Gabriel foi enviado a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré” (Lucas 1,26). A geografia oferece um solo no qual o sentido da vida lança suas raízes. É onde se ama, se trabalha,

se partilha e se constrói um ideal de vida. Estamos falando de Nazaré, uma pequena aldeia das periferias da Galileia. Deus não costuma intervir no centro do poder político, econômico e religioso; intervém onde a dureza da vida deixa um resquício para a confiança em Deus e a esperança de sua salvação. A periferia é o centro da ação de Deus, entre os pobres, os simples e humildes de seu povo.

De fato, Jesus nasceu sob o imperador Augusto (63 a.C. ao 14 d.C.; cf. *Lucas 2,1*), em Belém, terra de Judá, onde a família esteve para se submeter a um censo. Sua cidade de origem era Nazaré da Galileia, um pequeno centro que recebeu seu nome de "nazer", que significa "*o gérmen*" messiânico, um centro repovoado mais ou menos em meados do século II a.C. por uma colônia de judeus messiânicos que tinham vindos da Judeia por vontade de Hircano, rei asmoneu, para rejudaizar aquela terra da Galileia que, naquela época, era pagã. A insignificância do lugar, também localizado em uma região semipagã, dava-lhe má fama entre os israelitas puros. Por isso pergunta Natanael: "*De Nazaré pode vir algo bom?*" (*João 1,46*). As razões para repovoar explicam o fervor messiânico que animava a pequena comunidade (*anawin*), e a descendência davídica da família de Jesus.

Em uma cultura. O anúncio do anjo chegou até "*uma donzela prometida a um homem chamado José, da família de David; a virgem chamava-se Maria*" (*Lucas 1,27*). *No tempo e no espaço* acompanha o subsolo antropológico, isto é, a condição de vida humana de uma família, com cultura, valores, tradições e costumes muito particulares. O chamado de Deus abarca toda a vida: a história pessoal, as próprias referências de sentido, as diferentes experiências, a liberdade, os valores, os projetos, os sonhos... Maria é esta mulher em quem se concentra o agir de Deus para o bem de todo um povo; o povo de Israel.

Na fé de um povo. Portanto, Maria era uma judia crente, profundamente submergida na fé de seu povo, familiarizada com a Palavra e sempre desejosa de compreender, para levar à prática, os desígnios de Deus. O texto bíblico enfatiza o que o anjo disse: "Conceberás e darás à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus. Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono de David, seu pai; ele reinará sobre a casa de Jacó para sempre e seu reinado não terá fim" (Lucas 1,31-33).

O processo vocacional de Maria¹

Maria é o ícone do chamado e da resposta à vocação divina, mulher da escuta. É o que nos faz compreender a cena da anunciação, que o evangelista São Lucas apresenta a partir de um esquema típico de relato bíblico de vocação: aparição do anjo, reação do destinatário, anúncio, objeção humana e oferta de um sinal.

1. *A aparição do anjo.* A aparição do anjo a Maria se dá em uma minúscula cidade da Galileia chamada Nazaré (cf. *Lucas 1,26*), uma região bem desprezada. Esta intervenção de Deus indica como se desloca o centro de um templo de pedra e de uma cidade importante, para um templo de carne, ao coração de uma Virgem pobre, em uma localidade pobre, em umas circunstâncias ordinárias. Esta nova maneira da ação divina faz-nos pensar que a salvação começa com aqueles que os homens desprezam, no meio do que parece vil e pequeno. Por quê? Porque é um sinal claro da absoluta gratuidade da iniciativa divina ante aqueles que acreditam merecer a salvação por contar com os méritos de serem bons ou cumpridores da lei. Enfim, é um sinal do primado da humildade nos caminhos que levam a Deus.

¹ Cf. Bruno FORTE, *Siguiéndote a Ti, luz de la vida*, Ed. Sígueme, Salamanca 2004, pg. 53-58.

2. *A reação do destinatário.* Qual é a reação de Maria? "*Ao ouvi-lo, ela ficou desconcertada e se perguntava que tipo de saudação era aquela*" (Lucas 1,29). Ante semelhante experiência da presença de Deus, Maria não consegue assimilar o todo do que está ocorrendo. O desconcerto é um elemento importante no chamado de Deus, pois faz que nos sintamos pequenos e indignos, diante de algo tremendo e maravilhoso. E surge a pergunta: Por que a mim? E tratamos de convencer a Deus de que há outros em melhores condições que nós para seus planos. Mas a Palavra de Deus se crava no coração do dotado de fé e o espeta com a maciez do amor, aguardando uma resposta corajosa. Maria nos ensina a confiar plenamente em Deus, sobretudo nos momentos de escuridão e confusão, quando nossa fé é chamada a crescer e amadurecer (cf. Papa Francisco, *Lumen Fidei*, 60).
3. *O anúncio do anjo.* O terceiro elemento está constituído pelo anúncio do anjo, que se expressa, sobretudo, através do convite "não Tema", que se dirige a Maria (cf. Lucas 1,30). A ela é dito: "*Encontraste graça diante de Deus. Eis que conceberás um filho... Ele será grande, será chamado filho do Altíssimo*" (Lucas 1,30.32). Em Maria cumpre-se a iniciativa absolutamente surpreendente e indizível de Deus. O Deus que se revela a Maria e em Maria não é simplesmente a resposta às esperanças do coração humano, mas, sobretudo, a surpresa transbordante de nossas demandas. E sendo apenas isso, movendo-se para um patamar mais alto e insuspeito da gratuidade de Deus, apresenta-se também como cumprimento do desejo e da esperança humana.
4. *A objeção do destinatário.* O que acontece em Maria? Ela diz: "*Como isso será possível?... Eu não conheço varão*" (Lucas 1,34). Maria não pede uma garantia nem um sinal. Ela interroga o mistério de Deus, não porque dúvida, nem para pedir sinais, mas para que lhe seja mostrado o caminho

que, em obediência de fé, deve e quer percorrer. Expressa sua disponibilidade e confiança com a frase "*Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo o que disseste*" (Lucas 1,38). Maria encontra-se de tal forma desprendida de si mesma, que pode confiar totalmente em Deus.

5. *Recebe um sinal.* O último elemento da narração é o sinal: o nascimento de um menino. Trata-se de Jesus, que não somente está cheio do Espírito Santo (cf. Lucas 4,1), mas que foi concebido por obra do Espírito Santo, e "será chamado Filho do Altíssimo" (cf. Lucas 1,32). Nele vem a se cumprir o novo começo, a nova aliança. Maria responde ao plano de Deus com o livre assentimento da fé. Nela resplandece o primado da graça divina, a iniciativa livre e gratuita do amor eterno, à qual corresponde a livre oferta da jovem Mulher, pondo senas mãos dos desígnios insondáveis do Senhor.

O traço de Maria que emerge de maneira dominante na cena é, portanto, sua fé, pela qual expressa seu consentimento livre, dócil e fecundo à graça. Toda sua existência é um itinerário de liberdade presenteada, um abandono perseverante nas mãos do Deus vivo, um itinerário no qual ela se deixa conduzir docilmente por Deus, na obediência à sua Palavra. Maria é toda para Deus, toda de Deus, aberta à chegada do Reino, que Deus quer que aconteça no meio da humanidade. Maria é verdadeiramente a Virgem dotada de fé, a Mulher da escuta, a terra de onde advém a Palavra de Deus, o silêncio tremendamente sonoro.

Neste sentido, Maria é também testemunha da fé que consiste em consentir (acolher positivamente) o amor de Deus, deixando-se plasmar por ele. A resposta ao chamado divino é o oposto a uma ação em que alguém se comporta como dono exclusivo de si mesmo. A resposta ao chamado é o contrário de propor-se projetos e querer realizá-los com as próprias forças. A vocação consiste em receber a existência do alto, de outro, isto é,

de Deus. Portanto, a grandeza de Maria está na fé com que ela aceita e confia em Deus.

Para a reflexão

Neste relato há dois protagonistas: Maria e a Palavra. O primeiro protagonista é "a Palavra", Deus mesmo falando por meio do anjo Gabriel. Pronuncia-se não no "centro" onde tudo já está dito e decidido; aí não há lugar para a Palavra. A Palavra de Deus é criadora, transforma, dá segurança e, sem violentar a liberdade, convida a pessoa a uma adesão e aceitação feliz à vontade de Deus. A Palavra encontra em Maria abertura na hora de ser pronunciada. "Maria", o segundo protagonista, é símbolo de uma porção da humanidade que, apesar das situações históricas de marginalização, rejeição e abandono por parte da oficial autoridade socioreligiosa, confia, espera e está aberta à ação de Deus.

Pelo "sim" que mais resume a confiança na história da humanidade, a Palavra da vida encarna-se no seio de Maria. A fecundidade da vocação tem a ver com a obediência da fé aos desígnios de Deus. A vocação é a resposta livre do ser humano para abraçar o projeto incondicional do amor de Deus. Nisto, Maria é Mestra incontestável. Considerando a vocação tão pessoal que o Senhor faz a cada um de nós, cabe-nos perguntar: Como a Palavra de Deus fecunda meu coração para gerar o Cristo que entrego aos demais? Até que ponto meu coração está aberto aos acontecimentos de Deus na história, na minha história?

Santo Agostinho

"Que presente maior Deus pôde nos dar? Tendo um Filho, ele o fez filho do homem para que os filhos dos homens também se tornem filhos de Deus" (Santo Agostinho, *Sermão* 185,3).

“Santa Maria sem dúvida fez a vontade do Pai; por isso é mais importante para Maria ser discípula de Cristo do que ter sido mãe de Cristo. Ela é mais feliz por ter sido discípula de Cristo do que por ter sido sua mãe. Por isso Maria é a Bem-aventurada, porque antes de dar à luz ela trouxe o Mestre em seu seio. Veja se o que eu digo não é verdade. Enquanto o Senhor caminhava com a multidão que o seguia, realizando milagres, uma mulher gritava: *Bendito o ventre que te carregou!* Mas, para que a felicidade não fosse buscada na carne, qual foi a resposta do Senhor? *Ao contrário, muito mais felizes são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática.* (Lc 11,27-28)” (Santo Agostinho, *Sermão 72/A,7*).

Magistério da Igreja

“A dimensão mariana da vida de um discípulo de Cristo exprime-se, de modo especial, precisamente mediante essa entrega filial em relação à Mãe de Cristo, iniciada com o testamento do Redentor no alto do Gólgota. Confiando-se filialmente a Maria, o cristão, como o Apóstolo São João, acolhe, «entre as suas coisas próprias» [\[130\]](#), a Mãe de Cristo e a introduz em todo o espaço da própria vida interior, isto é, no seu «eu» humano e cristão: «*levou-a para sua casa*» (João Paulo II, *Redemptoris Mater*, 45).

Perguntas para a reflexão pessoal e comunitária

1. Maria respondeu ao chamado do Senhor. De que maneira o *sim* de Maria, Mãe de Jesus, inspira tua resposta ao chamado do Senhor?
2. Como aproximamos a figura de Maria às novas gerações para que ela seja modelo de resposta a cada vocação?

Tema de orientação antropológica

Os jovens

Objetivo

Conhecer a realidade dos jovens: estilos próprios, fortalezas, sonhos, desafios etc., a fim de oferecer-lhes acompanhamento e discernimento vocacional conforme a sua realidade.

Desenvolvimento do tema

1. Ser jovem hoje: uma reflexão com base no Sínodo dos bispos (2018)

Hoje existem diversas análises sociológicas, psicológicas e antropológicas sobre os jovens, realizadas por pessoas muito competentes. No entanto, qualquer análise detalhada da realidade juvenil fica aquém quando se trata de abordar os jovens específicos que encontramos ao longo do caminho e que frequentam nossas igrejas, escolas, grupos juvenis etc. Na tentativa de criar uma “cultura vocacional”, pode-se dizer que, mais do que conhecimentos teóricos sobre juventude, é preciso aprender a lidar com os jovens. O que faz a diferença entre “saber sobre os jovens” e “saber de jovens” é o tempo de qualidade dedicado a ouvi-los e compartilhar com eles a vida, a fé, as ilusões e frustrações, os sonhos e as buscas.

No Sínodo sobre os jovens, comentou-se que as novas gerações são portadoras de uma abordagem da realidade com características específicas. Entre os aspectos específicos mais evidentes da cultura dos jovens, destacaram-se: a preferência às imagens em relação a outras linguagens comunicativas, a importância das sensações e emoções como

forma de abordagem da realidade e a prioridade da concretização e operabilidade no que diz respeito a análises teóricas. As relações de amizade e a pertença a grupos semelhantes, cultivados por meio das redes sociais, são de grande importância para eles. Os jovens são geralmente abertos à diversidade, o que os torna atentos às questões da paz, da inclusão e do diálogo entre culturas e religiões. (cf. *Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens*, n. 45).

2. Muitas juventudes

O papa Francisco, na Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus vivit*, "*Cristo vive*", apontou que, certamente, podem ser listadas as características dos jovens de hoje, mas sobre tudo revelou uma constatação especial do Sínodo: a beleza de ser Igreja universal refletida no rosto dos jovens. Portanto, a realidade do contexto e a peculiaridade do momento histórico do lugar e de cada comunidade cristã, torna o jovem único e diferente em cada lugar e tempo. Assim, como há uma pluralidade de mundos juvenis, mais do que falar de "juventude" falamos de "juventudes" (cf. Papa Francisco, *Christus Vivit*, nn. 68-70). Este é um elemento que exige muita atenção do ministério de animação vocacional, para renovar os métodos de acompanhamento vocacional.

3. Ambiente digital

O Papa Bento XVI assinalou que o meio digital não é um mundo paralelo ou puramente virtual, mas parte importante da realidade diária de muitas pessoas, especialmente das mais jovens (Bento XVI, Mensagem para a XLVII Jornada Mundial das Comunicações, 2011). Neste sentido, já se denomina a nossa época como sendo a era digital. Não se trata só de "usar" algumas ferramentas de comunicação, mas de viver uma cultura amplamente digitalizada que tem um impacto muito profundo na noção de tempo e espaço, na percepção de si mesmo, dos demais e do mundo, na forma de

se comunicar, de aprender, de obter informação, de entrar em relação com os demais. (cf. Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens, n. 21).

Para o Sínodo sobre os jovens a era digital representa infinitas oportunidades. Dentre tantas, representa uma extraordinária oportunidade para o diálogo, o encontro e o intercâmbio entre pessoas, bem como o acesso à informação e ao conhecimento. Pode tornar-se um canal de participação na vida pública e na evangelização. No entanto, o meio digital também é um território de solidão, manipulação, exploração, engano; pode gerar dependência, isolamento, perda de contato com a realidade concreta e relações superficiais. Além do mais, está propiciando novas formas de violência como o ciberassédio e está sendo também um canal de difusão da pornografia, que favorece a exploração sexual (cf. *Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens*, nn. 22-24).

4. Corpo e afetividade

As novas gerações reconhecem no corpo e na sexualidade uma importância essencial para suas vidas, e consideram que, no caminho do crescimento de sua identidade, são essenciais para viver a amizade e o amor (cf. *Documento conclusivo do Sínodo sobre os jovens*, n. 37). De fato, a resposta vocacional compromete a fundo a capacidade de amar. No entanto, o estilo de vida da sociedade atual expõe as novas gerações, em muitos casos, a experiências negativas no campo da sexualidade: abusos, promiscuidade, turismo sexual, pornografia etc.

Tais experiências negativas podem chegar a lesionar o crescimento e desenvolvimento sereno e maduro da afetividade e a capacidade de amar. Neste sentido, o acompanhamento para o discernimento vocacional tem a tarefa de propor com serenidade, a partir de uma compreensão abrangente e positiva da sexualidade e da afetividade, a capacidade de viver essas realidades como âmbitos de expressão do amor nas vocações específicas. E em caso de

dificuldades reais e graves que comprometam o discernimento, é aconselhável recomendar ajuda terapêutica enquanto o processo permanece aberto.

5. Arte, música e esporte

O que indicou São João Paulo II, referindo-se à busca daquelas atitudes vocacionais básicas que tornam possível uma resposta vocacional (cf. João Paulo II, *Mensagem da XXX Jornada mundial de oração pelas vocações*, 2 - 1992-), o Sínodo as vê presentes em três áreas importantes da vida dos jovens: arte, música e esporte. Por conseguinte, reconhece e valoriza a importância que os jovens dão à expressão artística em todas as suas formas. Assinala-se também que a música representa o ambiente real em que os jovens estão constantemente imersos, bem como uma cultura e uma linguagem capazes de mexer com suas emoções e moldar sua própria identidade. E no esporte são colocados em jogo alguns valores que dão profundidade à vida humana, como o esforço, o sacrifício, a abnegação, o trabalho em equipe, o respeito, o cavalheirismo, a lealdade, a honestidade etc. (cf. *Sínodo sobre os jovens*, n. 47).

6. Os jovens ante a pandemia COVID-19

Nos anos 2020 e 2021 estivemos marcados pela crise da COVID-19. Sem dúvida, uma crise na qual ainda estamos imersos devido às consequências de longo alcance em várias áreas da vida humana: economia, saúde, desemprego, violência... Certamente, o mundo, a sociedade e, especialmente nossos jovens, antes, durante e após a COVID-19 já não são os mesmos.

Antes da pandemia vivia-se de um modo: relações abertas e expressivas, emotividade à flor da pele, proximidade, presença. Ao chegar o coronavírus o mundo deteve-se, os países fecharam as fronteiras, as famílias não saíam de casa, os governos decretaram a quarentena que se prolongou no tempo e estabeleceu as pautas e os protocolos para prevenção e combate à pandemia.

Depois da pandemia instaurou-se uma espécie de incerteza generalizada. Não se sabe o que vai acontecer... Com tudo, não podemos ficar de braços cruzados. É importante voltar a projetar a vida. Talvez algumas coisas precisem ser restauradas, outras, porém, começar do zero.

O papa Francisco no prólogo do livro *"Deus na pandemia"* de Walter Kasper, descreve, muito acertadamente, esta realidade: *"A crise do coronavírus surpreendeu-nos a todos, como uma tormenta que descarrega de repente, mudando subitamente, a nível mundial, nossa vida pessoal, familiar, trabalhista e pública. Muitos tiveram que lamentar a morte de familiares e amigos queridos. Muitas pessoas caíram em dificuldades econômicas, outras perderam o emprego. Em muitos países foi impossível celebrar a Eucaristia em público como comunidade, mesmo na Páscoa, a maior festa do cristianismo, para obter a força e o consolo dos sacramentos"* (Walter Kasper, *Deus na Pandemia*, 2020, p. 10).

Este acontecimento, que mudou ao mundo e a sociedade, afetou também os jovens, que já não podiam sair para dançar, ir ao colégio, unir-se com os amigos, ir ao cinema, à praça, compartilhar com familiares os fins de semanas etc. O que poderia ser suportado com tranquilidade durante 40 dias, na realidade se transformou em um martírio e um suplício para a juventude, pois já não podiam se ver, se abraçar, se tocar, se escutar etc. As sequelas: depressão, ansiedade, desmotivação, apatia, tristeza, angústia, pensamentos obsessivos e negativos foram sintomas e doenças que se acentuaram entre os jovens.

7. Características que se acentuaram nos jovens depois da Covid-19

Crise de fé. O enfraquecimento da fé foi um dos primeiros sintomas temporários que atingiram os jovens. Muitos deles manifestaram aos líderes, jovens e adultos, em encontros virtuais, muitas dúvidas de fé. Também predominou a ausência nas poucas celebrações litúrgicas não virtuais durante a pandemia e mesmo depois dela. Esses sinais indicam que,

realmente, estamos diante de uma crise de fé, manifestada pela falta de sua prática, principalmente em seus momentos de oração pessoal, eclesial, litúrgica e sacramental, impedindo assim a consolidação de seu encontro com Jesus e uma experiência significativa da fé e da vida cristã. Por isso, será muito importante abrir espaços de diálogo sincero com e entre os jovens e aproximá-los de um reencontro pessoal com Cristo por meio de celebrações criativas e significativas para suas vidas.

Desinteresse e cansaço. A crise de fé vivenciada por muitos jovens é só a ressonância de uma crise mais ampla, que tem outras muitas manifestações, como o desinteresse, o baixo rendimento, um tom vital escuro e sem energia. Ante a pandemia, muitos procuraram nos espaços digitais um recurso para revitalizar sua fé. No entanto, com o tempo, notou-se que muitos perderam o interesse inicial. Inclusive as atividades que surgiram por iniciativa própria terminaram perdendo seu atrativo. Ainda se percebe a falta de motivação e entusiasmo, a desilusão, o desencanto, a falta de fervor, etc.

Ausência de responsabilidade e compromisso. Uma terceira dificuldade detectada entre os jovens é a falta de corresponsabilidade e compromisso na vida cristã. Já era uma característica acentuada em muitos jovens. No entanto, percebe-se que a situação da pandemia agravou esta realidade. Começa a preocupar muito a ausência dos jovens nas reuniões dos grupos ou das comunidades. São faltas injustificadas, evasão de qualquer tipo de responsabilidade e compromisso pastoral. Desinteresse em geral.

Santo Agostinho

“Procurava o que amar amando amar e odiava a segurança e o caminho sem perigos, porque tinha fome dentro de mim do alimento interior, de ti mesmo, meu Deus! [...]. Amar e ser amado era a coisa mais doce para mim” (Santo Agostinho, *Confissões* 3,1,1).

Magistério da Igreja

“Se caminharmos juntos, jovens e não jovens, poderemos estar bem enraizados no presente e, daqui, visitar o passado e o futuro: visitar o passado, para aprender da história e curar as feridas que às vezes nos condicionam; visitar o futuro, para alimentar o entusiasmo, fazer germinar os sonhos, suscitar profecias, fazer florescer as esperanças. Assim, unidos, poderemos aprender uns com os outros, acalentar os corações, inspirar as nossas mentes com a luz do Evangelho e dar nova força às nossas mãos” (Papa Francisco, *Christus vivit*, n. 199).

Perguntas para a reflexão pessoal e comunitária

8. Que espaços de encontro, escuta e acompanhamento dos jovens existem em tua comunidade cristã?
9. Tua comunidade faz uma opção preferencial pelos jovens?

P r o j e t o d e V i d a ²

Objetivo

Conhecer e manejar a ferramenta “Projeto de Vida” como um instrumento útil ao acompanhamento e discernimento vocacional.

Desenvolvimento do tema

1. Definição de projeto de vida

Projeto. É a decisão de perfilar um modelo para o futuro. Supõe, além deste modelo, os meios práticos para atingi-lo. Existem várias formas de formular o projeto; mas o mais importante é que englobe toda a realidade que você quer trabalhar da pessoa. O que define o projeto é este caráter abrangente de uma realidade.

Projeto pessoal. A ação de projetar refere-se a uma pessoa. Aqui o mais importante é que se conte com tudo o que a pessoa é e, mais especificamente, com as dimensões de sua personalidade. Um projeto pessoal para jovens deve incluir as diversas dimensões: pessoal, comunitária, intelectual, espiritual, de serviço. Deve prever prazos para sua elaboração e revisão; deve facilitar que o jovem aprenda a projetar projetando; conta com um conselheiro a quem relata o projeto e de quem recebe sugestões; promove uma instância de grupo onde pode compartilhar suas experiências. Não se trata aqui, necessariamente, de um projeto cristão.

² Este material foi compartilhado pelo padre Rubén Barrón, sacerdote operário diocesano, no encontro dos promotores vocacionais da Ordem, em Cuernavaca, Morelos (México), no ano 2017.

Projeto de vida espiritual. Trata-se de projetar a vida cristã. A espiritualidade não consiste em um conjunto de práticas religiosas, mas em viver de acordo com princípios espirituais e, em nosso caso, princípios cristãos. Este projeto espiritual é abrangente da personalidade, tal como o projeto pessoal. Por isso inclui as dimensões da personalidade. Mas tem uma característica peculiar: dá aos valores revelados e à experiência de Deus um lugar central, de modo que, além de assinalar um modelo para o futuro da pessoa, o faz à luz da Palavra e em um dinamismo de discernimento espiritual. No projeto espiritual, o mais importante não é o que a pessoa quer conseguir, mas o que Deus quer. Por isso, é básica sua abertura à dimensão transcendente. O recurso a um orientador adquire o valor de mediação da abertura ante a vontade de Deus.

Projeto vocacional. Inclui as notas do projeto de vida espiritual, mas tem como referência um momento específico do processo vocacional e os valores objetivos da vocação específica. Ajuda a pessoa a dar os passos convenientes e a adotar os meios necessários para responder ao chamado.

2. Atitudes que fomentam a elaboração do projeto

À primeira vista pode-se perceber que a elaboração do projeto requer atitudes por parte do orientador e por parte do candidato. O conselheiro sempre será uma instância confrontadora e objetivadora do projeto, mas deve aprender a moderar suas intervenções de caráter gerencial à medida que o candidato amadurece.

As atitudes que ambos precisam pôr em jogo para facilitar o projeto são as seguintes:

Atitudes do orientador	Atitudes do candidato
<p>Acolher, prestar atenção</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Aceito o candidato como pessoa de valor incondicional, acima de seu comportamento, de sua aparência ou de seu modo de pensar. 2. Para o candidato tenho tempo e paciência. Respeito seu ritmo de pensamento e diálogo. É assim que mostro minha profunda aceitação. 3. Concentro-me nele de modo a escutar não apenas suas palavras, mas tudo quanto ele comunica sem palavras e o que ainda não pode comunicar. 4. Recordo seu processo e lhe faço saber que o tenho presente. Se necessário eu lhe ofereço, com simplicidade, um resumo, dando-lhe uma visão de conjunto do que comunicou. 5. Se observei algo digno de ser comunicado, uso essa informação para fazer-lhe uma advertência fraterna. Sabe-se amado e aceito na correção 	<p>Desejo de mudança</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Saber que é aceito e amado como é, aumenta a confiança básica em si mesmo e em suas possibilidades de mudança 2. Sente-se satisfeito a ponto de manifestar seus sentimentos e pensamentos como acredita que deve fazê-lo, sem necessidade de distorcê-los para conquistar a apreciação do conselheiro. 3. A atenção, o respeito e o acolhimento que o orientador lhe oferece despertam nele um anseio pela vida. Deseja ser melhor e crescer, porque reconhece que se confia nele. 4. Receber a retroalimentação de seu processo estimula seu desejo de mudança, pois consegue enxergar sua história de forma mais unitária, e isso lhe permite sentir mais dono da situação. 5. As advertências que recebe revelam caminhos concretos para o seu desenvolvimento pessoal.
<p>Facilitar a auto exploração</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Permito que ele seja protagonista de seu próprio processo, para que escolha livremente os Tema a serem discutidos. 2. Evito impor meus esquemas ou lembrá-lo o que ficou pendente. Antes de intervir, dou-lhe a oportunidade de afrontar essas questões por si mesmo. 3. Proporciono a ele um esboço do conteúdo do acompanhamento, permitindo-lhe preparar os tópicos que vamos compartilhar. 	<p>Coragem diante de si mesmo</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Por iniciativa, ele afronta questões difíceis pertencentes ao lado obscuro de sua personalidade. 2. Recorda os compromissos estabelecidos na entrevista anterior o uno acompanhamento grupal, o que facilita propor sua revisão. 3. Escolhe e prepara os tópicos com antecedência. Não improvisa na entrevista. Em cada tópico toca suficientemente nos pontos essenciais.
<p>Responsabilizar a pessoa</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Espera que o candidato se dê conta de sua própria responsabilidade no problema. 2. Se ele não vê alguns elementos que fazem parte do problema, faça-o ver sem impor. 	<p>Personalizar a situação</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Assume sua parte da responsabilidade sem necessidade de culpar a outros. 2. Aceita que lhe ofereçam um ponto de vista porque isso enriquece sua visão do problema.
<p>Estimular o compromisso</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Confie verdadeiramente em sua capacidade de decidir e mudar. Isso o faz sentir confiança. 2. Permita ao candidato elaborar o plano de ação. 3. Valorize as capacidades do jovem, reconheça que ele tem recursos suficientes para crescer. 	<p>Iniciar-se em um compromisso</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Toma livremente suas decisões, considerando ao mesmo tempo a opinião do conselheiro. 2. Escolhe por própria responsabilidade os meios que podem servir para seu crescimento. 3. Usa seus recursos e habilidades para trabalhar no processo vocacional.

3. Conteúdo do projeto vocacional

O conteúdo fundamental do projeto é a vida do candidato. Trata-se de abrir a vida à vontade de Deus segundo o princípio evangélico: "Quem faz a vontade de Deus é meu irmão, minha irmã e minha mãe" (Mc 3, 35). Isso será feito em vários níveis e com especificidade crescente. Mas o que se deve conseguir, sempre, é que se dê um passo de abertura e disponibilidade diante do projeto de Deus.

O projeto remete à integralidade da pessoa. Portanto, deve referir-se, tanto quanto possível, a todas as dimensões da personalidade. O conteúdo de cada um deles é brevemente indicado a seguir:

Dimensão espiritual. É como o eixo vertical da personalidade cristã. Dá altura à sua vida espiritual. Sobretudo, presta atenção no modo de relacionar-se com Deus e à imagem de Deus que é trabalhada. Trata-se de purificar *continuamente essa imagem de Deus*. Refere-se a todo o exercício da oração e da escuta da Palavra e ao processo dinâmico da participação nos sacramentos. De um modo peculiar é preciso fazer questão da qualidade e profundidade da oração vocacional, isto é, no coração da oração em seu sentido pessoal, quando a pessoa se põe diante de Deus e manifesta sua disponibilidade para realizar seu desígnio.

A dimensão humana é o eixo horizontal ou a base necessária do processo vocacional e formativo. Muitas vezes o projeto vocacional falha por causa dessa base humana. Tudo o que é feito para ampliar essa base dá segurança à pessoa e ao seu processo. Pode ser dividido, para efeitos práticos, em duas grandes partes:

Dimensão humana-pessoal. Tudo o que implica a pessoa do candidato. Sua estrutura física e cuidados com a saúde. Sua estrutura psíquica e o desenvolvimento de sua personalidade. A imagem de si Dimensão humana-

comunitária. Refere-se à relação com os outros: a forma de inserção no seu núcleo familiar, a atitude perante os pobres e desamparados, a capacidade de compromisso social, a atitude cívica e o trato com os outros, a disponibilidade para o serviço comunitário, a abertura ao grupo ou comunidade, a participação em projetos comuns e disponibilidade para o trabalho em equipe, o cultivo das virtudes sociais tão características da vida cristã.

Dimensão apostólica. Refere-se ao valor dado ao apostolado na sua vida de fé, se o zelo apostólico se reduz às tarefas ou se torna uma dimensão importante da personalidade; as atitudes com que participa no apostolado e o sentido de Igreja que cultiva, a dimensão apostólica que dá às relações familiares e sociais.

Dimensão intelectual. Refere-se à formação académica. No caso dos alunos do ensino fundamental e médio, é fundamental que a dedicação aos estudos e até mesmo as notas sejam contempladas no projeto. Na formação de base é uma dimensão raramente avaliada e acompanhada; na formação permanente às vezes é tristemente esquecida.

Dimensão do projeto. Pode ser considerada uma sexta dimensão. É o que se refere à aplicação pessoal ao projeto. É conveniente avaliar até que ponto a pessoa está comprometida com seu crescimento pessoal e como está aprendendo a elaborar o projeto de forma cada vez mais prática e eficaz. É essa dimensão de buscar e encontrar tão frequentemente enfatizada na vida espiritual. Não basta adotar um esquema e preenchê-lo, é preciso vivenciar um progresso real e perceptível.

4. Formulação do projeto

Embora também possa ser feito oralmente, o projeto deve ser formulado por escrito. É aconselhável que assim o seja, pois permite a continuidade do processo e ajuda a detectar pontos de crescimento.

O projeto tende a ser integral, mas se a pessoa carece de maturidade, tenderá a polarizar-se em alguma das dimensões e será mais parcial. Um projeto abrangente da pessoa e do processo supõe verdadeiro nível de formação e de maturidade pessoal. O mais importante não é que se complete um esquema, mas que se caminhe para a formação integral.

Os prazos de elaboração e revisão deverão ser o suficientemente curtos para que não se perca o sentido atual do projeto. Quanto mais imaturidade do sujeito, mais curto deve ser o prazo, de modo que ele será obrigado a revisá-lo continuamente.

5. O projeto de vida na promoção vocacional

Na promoção vocacional, as mudanças são rápidas. Por isso é conveniente que o prazo do projeto seja bem curto, para que seja logo avaliado e enriquecido com novos elementos que o jovem vai assimilando.

Primeira etapa. Neste momento é conveniente completar o quadro de seu projeto, para que alcance aquele caráter integral que implica todas as dimensões da personalidade. Ao mesmo tempo, é um momento de intensa catequese vocacional, através da qual o jovem vai compreendendo o que lhe está a acontecendo e aceita a vocação com o seu caráter normativo.

Segunda etapa. O candidato começa a considerar a opção por uma vocação específica e o ingresso em uma casa de formação. O ponto central do projeto serão as atitudes que já recomendam o jovem para aquela vocação específica. Se quer ser religioso, por exemplo, já deve estar vivendo, de alguma forma, como religioso, em sua própria família.

Esquema do projeto

É sempre útil apresentar algum esquema para a elaboração do projeto. O que é apresentado a seguir é tão somente um modelo geral, que

necessitará ser adaptado às diversas situações vocacionais. Para a formação na vida religiosa pode-se subdividir a parte espiritual em *dimensão espiritual* e *dimensão do carisma*:

Dimensões	Análise da realidade Alguma forma de reportar o mais objetivamente possível, qual é minha situação real nesta dimensão.	Minha prioridade nesta dimensão Conclusão ou diagnóstico ao qual chego após a análise. Trata-se de detectar o ponto crítico, o que é mais urgente.	Objetivo Define a meta que desejo atingir no futuro. Posso formulá-lo no presente, como se já estivesse conseguido, para visualizar o resultado	Meios e recursos Meios materiais e espirituais, sobretudo os recursos humanos que precisarei para progredir efetivamente nesta dimensão.
Espiritual				
Humana Pessoal				
Humana Comunitária				
Apostólica				

Intelectual				
Do projeto				
<p>Minha prioridade: Estabelecer um repto muito determinado que constitui o mais urgente ou prioritário neste momento. Em torno desse repto unifica-se meu projeto.</p>				
<p>Prazo de revisão: é o período de validade do projeto. Ao terminar o prazo devo voltar a elaborá-lo. Alguns dos desafios permanecerão, mas outros mudarão. É importante que o sujeito verifique, na revisão, se ocorreu, ainda que mínimo, um crescimento objetivo.</p>				

Santo Agostinho

“Vede que somos caminhantes. Vós me perguntais: que significa caminhar? Resumo-o em breves palavras: seguir adiante, progredir. Avancem, meu irmãos; examinem-se sempre sem enganos, sem adulação, sem vangloria. [...] Que vos desagrade sempre o que sois para chegar a ser o que ainda não sois. Se estais satisfeito de vós mesmos, já vos detivestes. Se dizeis: “já basta”, estais perdidos. Segui sempre crescendo, sempre caminhando, sempre avançando; não pareis no caminho, não volteis atrás, não vos desvieis. Detém-se aquele que não avança; retrocede o que volta às coisas que já deixou; extravia-se o que se aparta da fé” (Santo Agostinho, *Sermão* 169, XIII,18).

Magistério da Igreja

“A juventude, fase do desenvolvimento da personalidade, está marcada por sonhos que vão tomando corpo, por relações que adquirem cada vez mais consistência e equilíbrio, por tentativas e experimentações, por escolhas que constroem gradualmente um projeto de vida. Neste período da vida, os jovens são chamados a projetar-se para adiante, sem romper com suas raízes, a adquirir autonomia, mas sem estar solitários” (Papa Francisco, *Christus vivit*, n. 137).

Perguntas para a reflexão pessoal e comunitária

1. Por que é importante um projeto “vocacional” de vida?
2. Que passos achas que devem ser dados para que, nas comunidades, fazendo uso do projeto de vida, os jovens sejam acompanhados?

Tema de orientação teológica

Formas de vida cristã

Objetivo

Apresentar as diferentes formas de vida cristã dentro da Igreja nas quais um discípulo missionário pode responder ao chamado do Senhor.

Desenvolvimento do tema

As vocações específicas

A vocação à vida e a ser pessoa, de um lado, permite-nos agradecer pela existência e pelo dom da vida cristã; por outro lado, compromete-nos na busca do sentido da vida e na realização dos valores do evangelho na própria existência. A vocação específica é o desenvolvimento da graça batismal, um modo de percorrer aquele caminho que conduz cada cristão a viver a plenitude do amor. A seguinte descrição de vocação específica pode ajudar a compreender melhor os aspectos essenciais que a definem: *A vocação é um acontecimento misterioso no qual o ser humano, dialogando com Deus, adquire a consciência de uma missão situada historicamente e se compromete em uma resposta concreta* (Irmandade de sacerdotes operários diocesanos, *Subsídio para o curso básico de pastoral vocacional na Diocese de Querétaro*, 2019, p. 14).

Podem ser descritos quatro níveis de entendimento da vocação: humano, cristão, específico e institucional. Primeiro nível, o humano: *Só*

Cristo mostra ao homem o que é o homem e lhe revela a grandeza de sua vocação (Gaudium et spes, n. 22). Segundo nível, o cristão: Não Foram vocês que me escolheram, mas fui eu que escolhi vocês, e destinei vocês para irem e darem frutos abundantes e duradouros (Jo 15,16). Terceiro nível, o da vocação específica que define e caracteriza concretamente a vida cristã: vocação laical, vocação religiosa consagrada e vocação dos ministros ordenados. E, por último, o nível institucional, que se refere às vocações cristãs específicas ligadas a uma instituição concreta: um Presbitério, uma Ordem ou Congregação religiosa, uma Família etc.

A seguir, são apresentados, em grandes linhas, as vocações específicas, das quais se fala no terceiro nível: vocação laical, vocação à vida religiosa consagrada e vocação ao ministério ordenado.

1. Vocação laical

De acordo com o indicado pelo Concílio Vaticano II, cabe aos leigos viver plenamente a vida secular, tanto em cada uma das atividades e profissões quanto nas condições ordinárias da vida familiar e social com as quais sua realidade é tecida. É onde são chamados por Deus a cumprir uma missão, guiados pelo espírito das bem-aventuranças, para que, como o fermento, contribuam, a partir de dentro, para a transformação do mundo, para mostrar Cristo aos outros; brilhando, sobretudo, com o testemunho de sua vida de fé, esperança e caridade. Compete aos leigos iluminar e organizar todos os assuntos temporais aos quais estão intimamente ligados, de modo que sejam realizados segundo o espírito de Jesus Cristo e se desenvolvam e sirvam para a glória do Criador e o bem da Igreja (cf. *Lumen Gentium*, n. 31).

A vocação dos leigos é, pois, ser discípulos missionários que *buscam o Reino de Deus e sua justiça* (Mt 6,33) na realização de sua condição cristã, e tratam de organizar todos os assuntos da vida social segundo o espírito do

Evangelho. Os leigos, cuja vocação os coloca no coração do mundo e na realização das mais variadas tarefas, devem exercer uma forma singular de evangelização. Sua tarefa primária e imediata não é a institucionalização e o desenvolvimento da comunidade eclesial –tarefa essa específica dos pastores–, mas a de pôr em prática, na vida social, todas as possibilidades contidas no Evangelho. O campo de sua atividade é a política, o social, a economia, a cultura, as ciências, a arte, os meios de comunicação, a educação etc. (cf. Paulo VI, *Evangelii nuntiandi*, n. 70).

Na Ordem dos Agostinianos Recoletos foram institucionalizadas diversas possibilidades específicas de crescimento para a vida laical, que oferecem ajuda na realização da vocação secular. Essas dimensões leigas, em seu itinerário discipular, bebem das fontes da espiritualidade agostiniana e da tradição recoleta: são as Fraternidades Seculares Agostiniano-Recoletas (FRASAR), o movimento das Juventudes Agostiniano-Recoletas (JAR) e a Associação das Mães Cristãs de Santa Mônica (mães que se comprometem a rezar, sobretudo pelos filhos e esposos, a exemplo de Santa Mônica). Fazer parte desses espaços de crescimento da vocação laical implica também acolher o chamado de Deus para sermos discípulos missionários ao estilo de Santo Agostinho e da recoleção agostiniana.

Alguns exemplos de formas de vida cristã laical:

- Matrimônio-viuvez.
- Família-maternidade-paternidade.
- Solteiros.
- Profissional (educação, saúde, política, economia, cultura etc.).
- Virgindade consagrada (virgens leigas consagradas).
- Missão "*ad gentes*" (missões onde a Igreja ainda não está implantada).
- Vida comunitária (comunidades de base, Fraternidades seculares etc.).

2. Vocação ao ministério ordenado

Todo batizado recebe, através do sacramento da água e do Espírito, o dom de ser filho de Deus Pai, no Filho. Há uma vocação comum a todos os discípulos de Jesus Cristo que, por sua vez, nos abre à missão. Assim, em Cristo, cada batizado é profeta, rei e sacerdote. É profeta, porque anuncia a presença do Deus vivo que conduz a história; é rei, porque, com a sua vida, dá lugar ao reino do amor de Deus no mundo; e é sacerdote, porque celebra e participa dos sinais sacramentais que tornam possível a sua própria santificação e pelos quais glorifica a Deus. Este sacerdócio é conhecido como sacerdócio comum dos fiéis, e se diferencia do sacerdócio ministerial em que este, por um chamado particular, faz parte do sacramento da Ordem.

Os bispos têm, pelo dom da graça, a plenitude do sacerdócio de Cristo e estão associados ao ministério dos apóstolos. Ao longo da história da Igreja, os bispos são os sucessores dos primeiros discípulos a quem Jesus ligou intimamente à sua vida e missão, também conhecidos como o grupo dos Doze. Os presbíteros —do grego “anciãos”—, unidos ao bispo, exercem o sacerdócio de Cristo; esta é a sua missão. Através do exercício do sacerdócio ministerial, tanto os bispos quanto os presbíteros vivem a caridade pastoral própria de Cristo, Bom Pastor que, com as suas palavras e sinais, refletiu a misericórdia do Pai. E os diáconos, permanentes ou orientados ao sacerdócio ministerial, manifestam a caridade de Cristo que não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pelos demais (cf. Mt 20,28).

O ministério ordenado em qualquer dos três graus do sacramento da Ordem —bispos, presbíteros ou diáconos— se configura com Cristo, Cabeça, Pastor e Servo da Igreja. A missão do ministro ordenado é a de praticar a caridade pastoral, própria de quem, ao estilo de Cristo, Bom Pastor, acompanha o Povo de Deus. E apascentam o Povo de Deus, sobretudo através

da pregação da Palavra, da celebração dos sacramentos e da animação do serviço da caridade. Pelo sacramento da Ordem recebem a força do Espírito para serem, diante do mundo, testemunhas dos mistérios da fé e servidores da comunidade humana e eclesial.

Alguns exemplos de formas de vida cristã do ministério ordenado:

- Celibato pelo Reino dos céus.
- Matrimônio-viuvez-paternidade e ministério ordenado.
- Profissional (comunicações, educação etc.).
- Trabalho em equipe (clero secular).
- Vida comum (Fraternidades sacerdotais).
- Missão "ad gentes" (missões onde a Igreja ainda não está implantada).

3. Vocação à vida religiosa consagrada

O Concílio Vaticano II deu um certificado de cidadania à vida consagrada na Igreja, deixando como certo que, o estado, cuja essência está na profissão dos conselhos evangélicos, embora não pertença à estrutura hierárquica da Igreja, pertence, de forma indiscutível, à sua vida e à sua santidade (*Lumen Gentium*, n. 44). A vida consagrada situa-se na esteira da vida e da santidade da Igreja. É uma forma de vida cristã que busca vivenciar a plenitude do amor para o bem de todo o Corpo de Cristo (*Lumen Gentium*, n. 43). Neste sentido, a vocação à vida consagrada consiste em uma resposta de amor, a partir da capacidade humana, ao amor com que um discípulo de Jesus Cristo se sentiu imensamente amado.

A vida religiosa, como uma forma a mais de vida cristã, encontra sua inspiração e seu fundamento em Cristo, o consagrado do Pai. E, de modo especial, pode ser dito que a vida consagrada encontra, no texto das bem-aventuranças, o horizonte de interpretação do sentido de sua vocação e missão. E o chamado à vida consagrada custodia a radicalidade de que o

amor de Deus vale tudo, inclusive a própria vida e tudo o que ela compreende de belo e maravilhoso. Portanto, além do que os religiosos fazem, pois certamente desempenham muitas tarefas importantes na Igreja e no mundo, sua missão fundamental é ser sinal de pertença exclusiva a Deus.

A vida consagrada surgiu na Igreja como um dom do Espírito Santo, como um prisma que irradia a luz única de Cristo com diversas cores e matizes. Como vida cristã, seu propósito é seguir Jesus Cristo segundo as pegadas que marcaram sua caminhada pela história e que está recolhida nos evangelhos. E seu horizonte de vida é viver a plenitude do amor no encontro diário com o Senhor. Cultiva, segundo o próprio Carisma, uma vida fraterna em comunidade ou vida na solidão, mas sempre servindo ao povo de Deus, seja com a oração, seja com as obras de caridade, seja com as obras de misericórdia. Como toda a vida cristã, seu objetivo é a santidade.

Um elemento específico da vida religiosa é que a pessoa faz um dom de sua própria vida a Deus, para consentir que o Senhor tenha a exclusividade de seu coração. Esta doação de si expressa-se através da profissão dos *conselhos evangélicos*. O que é um conselho evangélico? É um valor proposto no evangelho, digno de ser vivido, porque o mesmo Cristo o tornou parte importante de seu estilo de vida histórico. Os conselhos evangélicos são a obediência, a pobreza e a castidade. Um religioso refere, com a sua vida, algo de Cristo, obediente ao Pai, pobre de espírito e que tem a paixão do seu coração em Deus, seu Pai, e na humanidade, que ele ama a ponto de dar a vida por ela.

Alguns exemplos de formas de vida cristã dos religiosos consagrados:

- Vida comunitária (várias pessoas consagradas vivendo em uma mesma casa).
- Vida eremítica (em solidão).
- Vida contemplativa (monges e monjas de clausura).

- Vida ativa-apostólica (religiosos/as com dedicação ao apostolado).
- Vida mista (combina a contemplação e o apostolado).
- Profissional (no campo da educação, da saúde, das comunicações etc.).

Harmonia das vocações específicas

Cada uma das vocações cristãs específicas tem a sua própria missão e finalidade como formas de seguimento de Cristo. E cada vocação compreende um caminho no qual se aprofunda e desenvolve a graça batismal. Um elemento importante da "cultura vocacional" é fazer o Povo de Deus compreender que todas as vocações cristãs têm a mesma dignidade e que, portanto, deve haver uma complementaridade entre elas.

Santo Agostinho

"Nós somos a santa Igreja. Ela é virgem e dá à luz. Imita a Maria. Se olhas com atenção, dás à luz a Cristo. Portanto, se dás à luz os membros de Cristo, és muito semelhante a Maria" (Santo Agostinho, *Sermão 213,7,7*).

Magistério da Igreja

"No primeiro milênio, "caminhar juntos", ou seja, vivenciar a dimensão sinodal, era o modo usual de proceder da Igreja entendida como "um povo reunido em virtude da unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo". Aos que dividiam o corpo eclesial, os Padres da Igreja opunham a comunhão das Igrejas espalhadas pelo mundo, que Santo Agostinho qualifica como "concordissima fidei conspiratio", isto é, concordância na fé de todos os batizados" (*Documentos preparatório do Sínodo da sinodalidade 2021*, 11).

Perguntas para reflexão pessoal e comunitária ?

1. Realizas o projeto de Deus na tua vocação?
2. Sentes-te acolhido/a na Igreja por tua vocação específica?
3. Testemunhas a beleza de tua vocação específica?

A v o c a ç ã o é p a r a a m i s s ã o

Objetivo

Descobrir que o chamado de Deus implica sempre uma missão. A partir da própria vocação, somos enviados a testemunhar e anunciar a alegria do evangelho.

Desenvolvimento do tema

A capacidade do pensamento formal permite ao ser humano separar o que de fato vai unido, como um recurso que ajuda a considerar as coisas com mais profundidade. Este procedimento próprio do pensamento racional é uma prática bastante frequente na tradição ocidental, graças, sobretudo, às culturas grega e romana, bem como ao desenvolvimento do pensamento filosófico.

Contudo, distinguir para analisar tem muitas vantagens enquanto habilidade do pensamento formal. De fato, é a base do discernimento. No entanto, corre-se o risco de se aprofundar muito em áreas específicas do conhecimento humano, obtendo-se tanta informação sobre um aspecto ínfimo de uma realidade específica, que termina se perdendo a visão de conjunto.

Esta última observação é relevante pela diversidade de abordagens sobre os conceitos de vocação e missão que temos no momento presente. Os termos "vocação" e "missão" foram analisados a partir dos mais diversos campos do conhecimento humano, como psicologia, pedagogia, filosofia, história das culturas, teologia. Portanto, um dos desafios atuais é devolver à unidade o cabedal de conhecimento em torno dos conceitos de vocação e de missão.

O cristianismo sempre manteve, de uma forma ou de outra, a unidade original na cosmovisão do ser, do pensar, do sentir, do decidir e do fazer. Assim, em qualquer relato de chamado pessoal na Bíblia, os elementos que constituem e definem a vocação e a missão aparecem muito bem conjugados. A vocação, neste sentido, nasce da consciência de uma intervenção de Deus com uma finalidade específica: realizar uma tarefa, uma missão. A partir da livre resposta daquele que é chamado, se restabelece o sentido global da sua vida e do seu destino no ser e no fazer.

Um exemplo do Antigo Testamento pode ajudar-nos a compreender mais claramente o vínculo inseparável entre vocação e missão. No livro do *Gênesis*, a partir do capítulo doze, na história da salvação do povo de Israel, se dá a intervenção de Deus que ocorre na vida de Abraão. *"O Senhor disse a Abraão: Deixa a tua pátria, os teus parentes e a casa de teu pai, e vai para o país que eu te indicar. Farei de ti uma grande nação e te abençoarei; engrandecerei o teu nome, para que sejas uma fonte de bênçãos"* (Gn 12,1-2).

Deus irrompe na vida de Abraão, chama-o e o seu chamado o põe em movimento. O chamado inclui a promessa de ser pai de um grande povo, além de ser o destinatário de uma bênção que, por meio dele, alcançará todas as raças da terra. Chamado e missão andam de mãos dadas: *"Deixa a tua terra e vai para a terra que eu te mostrarei e em teu nome serão abençoadas todas as famílias do mundo"* (Gn 12,3).

Nos relatos de vocação no Novo Testamento ocorre praticamente o mesmo. O exemplo mais claro é o chamado dos doze apóstolos relatado pelo evangelho de Marcos: *"Jesus subiu à montanha, chamou os que ele quis e eles foram com ele. Escolheu doze, para conviverem com ele, e os enviou a pregar com poder de expulsar demônios"* (Mc 3,13-15). Em todas as narrativas do chamado, os Evangelhos Sinóticos revelam a intenção de

Jesus de associar alguns mais estreitamente ao anúncio do Reino, para realizar, contando com eles, os sinais que o tornam já presente.

Ainda que nos evangelhos os discípulos sejam convidados a compartilhar a vocação e missão do Mestre, é no final, após a ressurreição, que se revela bem explícito e evidente o chamado à missão: *"Ide pelo mundo e proclamai a Boa Notícia a toda a humanidade. Quem crer e for batizado será salvo; quem não crer será condenado. Os que tiverem fé serão acompanhados por estes sinais: em meu nome expulsarão demônios, falarão novas línguas, pegarão serpentes, e se bebem algum veneno mortífero, nada sofrerão; imporão as mãos sobre os doentes e eles ficarão curados"* (Mc 16,15-18).

A causa missionária é a primeira da Igreja. Ela existe para evangelizar, para levar a mensagem do amor de Deus aos corações, para propiciar um encontro vivo com Cristo. E, por sua vez, a missão renova a Igreja, ajudando-a a amadurecer na fé e a crescer na identidade cristã. A missão dá ao batizado uma nova força e um novo entusiasmo no seguimento de Cristo. A missão desperta a paixão por Deus e pelo seu povo. O cristão não deve esquecer que Cristo é o missionário do Pai; a Igreja é missionária de JesusCristo; e o discípulo é enviado, com a força do Espírito, a dar Cristo, a luz total, ao mundo.

O Sínodo sobre os jovens reflete a unidade original da visão do crente sobre vocação e missão. *"Os jovens católicos não são apenas destinatários de ações pastorais, mas membros vivos do único corpo eclesial batizado, no qual vive e age o Espírito do Senhor. Eles contribuem para enriquecer o que a Igreja é, e não apenas o que ela faz. Eles são o seu presente e não apenas o seu futuro. Os jovens são protagonistas de muitas atividades eclesiais, nas quais oferecem generosamente o seu serviço, em particular na animação do catecismo e da liturgia, no cuidado dos pequenos, no serviço voluntário aos*

pobres. Mesmo movimentos religiosos, associações e congregações oferecem aos jovens oportunidades de compromisso e corresponsabilidade”.

Por fim, vocação e missão combinam-se perfeitamente a partir do chamado fundamental à santidade. Há um único e universal chamado à santidade, comum a todas as vocações, que, afinal, é a realização daquele chamado à alegria do amor que ressoa em cada coração. Deus quer que sejamos santos. E aos cristãos é confiada a tarefa de despertar o mundo com o testemunho de uma vida santa. Se, por um lado, nós, cristãos, clamamos por uma Igreja autêntica, luminosa, transparente e alegre, por outro, só a alcançaremos através da nossa própria santidade de vida. A Igreja se renovará somente no ardor espiritual e no vigor apostólico. O bálsamo da santidade curará as feridas da humanidade.

Santo Agostinho

“Atrevemo-nos a chamar-nos mães de Cristo? Foram filhos? Sejam também mães. Tragam os que possam, para que, assim como foram filhos quando nasceram, ajudando outros a nascer sejam mães de Cristo” (Santo Agostinho, *Sermão 72, A,28*).

Magistério

“Em vários contextos há grupos de jovens que são muito ativos na evangelização dos seus coetâneos, graças a um claro testemunho de vida, a uma linguagem acessível e à capacidade de estabelecer autênticos laços de amizade. Este apostolado permite levar o Evangelho a pessoas que dificilmente seriam alcançadas pela pastoral juvenil comum, e contribui para fazer amadurecer a própria fé daqueles que se comprometem nisto. Por isso, deve ser apreciado, apoiado, acompanhado com sabedoria e

integrado na vida das comunidades.” (Documento Final do Sínodo dos bispos sobre os jovens, a fé e o discernimento vocacional, 56).

Perguntas para a reflexão pessoal e comunitária ?

1. A partir da minha vocação particular, sou consciente de minha missão na Igreja?
2. Como ser discípulo missionário em nosso mundo e nossa Igreja?
3. Como ajudo as novas gerações a compreender que "nós somos" uma missão neste mundo?

T e m a d e o r i e n t a ç ã o p a s t o r a l

Orientação vocacional

Objetivo

Aprofundar-se no conteúdo básico sobre o que é a vocação cristã e conhecer algumas ferramentas pedagógicas para orientar o discernimento de vocações específicas.

Desenvolvimento do tema

1. *Conteúdos fundamentais para a orientação vocacional*
1. Quem sou eu?
Um ser:
 - Chamado à vida.
 - Chamado ao encontro e ao diálogo com Deus.
 - Chamado a amar a Deus, ao próximo, à criação e a mim mesmo.
2. Por que sou cristão?
 - Porque Cristo Jesus me amou e só ele é digno de fé.
 - Pela comunidade dos batizados que professaram uma mesma fé ao longo da história (Igreja), e me iniciaram na vida cristã.
 - Porque tenho uma história pessoal de relação com Deus.
3. O que Deus quer de mim?
Para compreendê-lo é necessário:
 - Escutar sua Palavra.

- Escutar meu próprio coração.
 - Escutar a vida e os acontecimentos.
4. Que opções de vida cristã tenho?
- Leigo comprometido (no matrimônio, como missionário, como voluntário...).
 - Sacerdócio ministerial (Sacramento da Ordem).
 - Religioso consagrado.
5. Leigo comprometido a partir do carisma agostiniano? Como?
- Membro da Fraternidade Secular Agostiniano-Recoleta.
 - Movimento juvenil: "Jovens Agostinianos Recoletos".
 - Mães Cristãs de Santa Mônica.
6. O que é a vida religiosa agostiniano-recoleta?
- Religiosos e/ou sacerdotes agostinianos recoletos.
 - Religiosas agostinianas recoletas de vida contemplativa.
 - Missionárias agostinianas recoletas.
 - E outras famílias...
7. Posso ser um religioso consagrado e/ou sacerdote?
- Marcos 3,13:*
- Deus escolhe os que ele quer.
 - Para que estejam com ele.
 - Para enviá-los a anunciar a Boa Nova do Reino.
 - Para expulsar do coração humano a presença do mau.
8. E por que agostiniano recoleto?
- Por Santo Agostinho.
 - Pela Ordem de Santo Agostinho.
 - Pelo movimento de recoleção agostiniana.
 - Pela experiência da vida de comunidade a serviço da Igreja.

9. Como posso iniciar um caminho de busca da vontade de Deus em minha vida?
 - Contando com um acompanhante.
 - Fazendo experiência do estilo de vida agostiniano-recoleta em alguma comunidade.
 - Fazendo uso dos materiais que são oferecidos como ferramentas para o discernimento vocacional.

10. O que tenho que fazer?
 - Encontrar tempo para o diálogo pessoal e comunitário com Deus.
 - Trabalhar com responsabilidade o que surgir no decorrer do acompanhamento.
 - Envolver-se na vida da comunidade cristã à qual pertence.

2. *Conceitos antecipados a respeito da vocação*

Quando alguém se propõe a vocação cristã e a vocação particular, enfrenta muitas vezes preconceitos que aprenderam ou escutaram dentro de seu círculo mais próximo, inclusive dentro da Igreja. A seguir, alguns preconceitos, falsas ideias ou mitos a respeito da vocação.

A vocação é para *pessoas privilegiadas* (inteligentes, boas, com muitas capacidades etc.). Há quem pensa assim, o que é pior, há os que o creem e empreendem um caminho vocacional com a consciência de ser “especiais”. Normalmente esta ideia está mais associada à vocação sacerdotal ou religiosa. E as vocações leigas são consideradas de nível inferior ou de segunda categoria. Falso: todas e a cada uma das vocações específicas são um modo digno e belo de percorrer um caminho que conduz à plenitude do amor, à santidade.

Não sou digno “dessa vocação”. Como cristão, podemos dizer que ninguém nunca é digno de nada, tudo é um dom imerecido. Deus não

chama aqueles que supostamente são mais dignos de uma ou outra vocação. Deus escolhe e chama aqueles que Ele quer para um projeto que só Ele conhece e que, aos poucos, nos é revelado se nos abrimos realmente à sua ação em nossos corações.

Quanto à vocação, não poderei, não serei capaz... Ninguém é, por si mesmo, capaz de assumir, viver e crescer numa determinada vocação. Cada vocação cristã só é possível n'Aquele que a inspira, anima e acompanha. No momento atual, pode ser assustador considerar todas as implicações, consequências e exigências de uma opção de vida em Cristo. Mas trata-se precisamente de confiar que Deus, em cada momento da vida, nos dará a capacidade de responder ao que Ele nos pede. Ele é quem sustenta o nosso sim.

Se outros fracassaram em sua vocação, pode ocorrer o mesmo comigo. Certamente conhecemos "bons cristãos" que fracassaram em sua opção de vida em Cristo. Na vocação específica acontecem muitas coisas que não se pode prever. Como na própria vida. Mas isto não é relevante. O realmente fundamental é como alimentamos a confiança em nossas opções. Para justificar o medo, o conforto, a inconsistência ou a mediocridade, vale qualquer desculpa. Mas se houver uma forte vontade de crescer, assumir e enfrentar os desafios, mesmo que pareça exigente, a pessoa se compromete e se responsabiliza por si e pelo que constrói com a sua liberdade.

Por que optar por uma vocação, se posso viver o melhor de cada opção sem me comprometer com nada em particular? A vida é bem mais que consumir experiências agradáveis, desfrutar da liberdade e jamais se prender a qualquer coisa. Com esta mentalidade, de fato, para que fazer uma opção? No entanto, o que está em jogo é o amor que se vive, que nutre, que afaga o coração. E para que o amor seja na verdade real e concreto, pede relação, tempo, entendimento e descentração... A questão é, então, o tipo de amor

que escolhemos viver. E a vocação específica será aquela que nos permite guardar e recriar esse amor.

Para que serve a vocação? Para se autorrealizar ou para se autotranscender? Não se trata, de forma alguma, de um assunto de menor importância. A maioria das pessoas, inclusive cristãos, pensa que a vocação é uma decisão pessoal de autorrealização. De fato é, até deixar de ser. São precisamente os fracassos, as dificuldades, a rotina, os limites intransponíveis da relação, que estilhaçam esta compreensão da vocação. A vocação cristã e as diversas opções de vida cristã, ora são reguladas pela relação pessoal com Deus, que é quem as inspira, ora desembocam em projetos humanos que já não oferecem nada de si. Portanto, as vocações específicas são um chamado a sair de si e ir ao encontro do outro e com o Outro. A vocação é para a transcendência.

Para muitos a vocação é uma evasão, algo como um “refúgio” fácil para não afrontar a vida e seus conflitos. As vocações específicas podem experimentar um descrédito pelo testemunho ambíguo que damos na vivência da própria vocação. De onde nasce a ambiguidade? Às vezes por motivações conscientes que traem, na raiz, o espírito com que cada vocação deve ser vivida, como a simples necessidade de aprovação dos demais. Também de motivações inconscientes que pouco a pouco vão emergindo nos conflitos e na vivência da própria vocação. Por isso é importante seguir um caminho de discernimento aberto, sincero e autêntico, para amadurecer, na liberdade, qualquer projeto de vida em Cristo.

A vocação dá acesso à possibilidade de algumas pessoas se promoverem. Consciente ou inconscientemente, pode acontecer que haja pessoas que optem por uma opção de vida por esta lhes permitir obter prestígio e reconhecimento social. É verdade que pode haver e, de fato, há casos desse tipo. Nenhuma vocação cristã específica está suficientemente

madura para compreender, não como teoria, mas como experiência, que a vocação recebida está para servir, doar-se, desgastar-se, morrer para si... Só quem vive sua vocação de maneira cristã consegue entender essas coisas e permanecer em sua opção.

A vocação é apenas um projeto de vida, nada mais; na prática, ser cristão não muda nada. Uma vida sem Cristo tem seu valor e pode ser vivida como vocação. Mas está completamente em desacordo propor que seguir a Cristo em uma opção de vida não muda as coisas em nada. Possivelmente, para muitos cristãos uma vocação específica seja apenas um trâmite cultural sem repercussões, além dos padrões culturais em que se vive a própria opção. Não obstante, há consequências práticas importantíssimas para quem amadureceu uma opção de vida em Cristo e deseja vivê-la como expressão de resposta a um chamado, como caminho de busca da vontade de Deus em sua vida.

A vocação específica é uma opção porque não tive outra. Ninguém faz uma boa opção em Cristo se não tem ao menos duas alternativas reais e possíveis, válidas e boas, a partir das quais tome uma decisão. Ninguém faz uma boa opção em Cristo se não sofre com a renúncia; se não sofre com a renúncia feita, possivelmente não compreende o valor de sua escolha. Evangelicamente, isto tem seu sentido. Estamos nos referindo àquele que "encontra um tesouro vai e vende tudo o que tem, e compra o campo onde está o tesouro" (Mt 13,44-46).

Essa coisa de vocação só complica mais a vida. Certamente, a busca da própria vocação e missão neste mundo traz consigo algumas complicações. Porém, a questão não é se a busca e a vivência da própria vocação complicam a nossa vida, o que talvez ocorra, mas porque queremos ou não queremos complicar a nossa vida. Daí que a resposta ao chamado interior de Deus nos obriga a dialogar com os anseios mais profundos do

coração. É aí, no profundo do coração, que está a inspiração necessária para arriscar a vida e o modo concreto do fazer. Pelo qual, as exigências da própria vocação, ou são assumidas livre e conscientemente ou correspondem melhor à necessidade de re-conhecimento e aprovação. Mais dia menos dia precisa ser discernida.

A vocação é para gente covarde, pusilânime, que cede a Deus o que não é capaz de fazer por si mesma. Existem modos infantis e pouco responsáveis de assumir uma vocação específica, como aquelas decisões que nascem do medo à liberdade. Pode acontecer, e de fato acontece, que algumas pessoas assumam uma vocação específica como uma saída fácil diante do sentimento de culpa e da angústia diante da insegurança. No entanto, a vocação cristã e a vocação específica nunca podem ser entendidas como autosacrifício agradável a Deus. Ao contrário, Deus quer que assumamos a própria história, as feridas e os medos, e as invistamos livremente em algo que nos proporcione realização pessoal.

Propor-se uma vocação rompe o canal natural pelo qual cada um faz da sua vida o que lhe parece melhor. Cada qual resolve o sentido de sua vida da melhor maneira possível. E, certamente, o ser humano é capaz, com a luz de sua inteligência, de empreender um projeto de vida livre e responsável. Neste sentido, a vocação cristã e a vocação específica em Cristo não ignoramos canais naturais nos quais também se realiza a vocação humana. Não obstante, assumida a beleza e o encanto da liberdade, a intervenção de Deus sempre possibilita e potencializa melhor na vida de uma pessoa. Raramente há contradição entre o que a pessoa quer e o que, na fé, ela entende que seja o pedido de Deus. Caso haja contradição, é porque Deus supera, com vantagem, a bondade e as possibilidades dos próprios planos.

A vocação é uma opção que priva você do melhor da vida. Há quem considera que a vocação cristã é uma constante limitação da vida. Para quem pensa assim, certamente a vocação cristã e a vocação específica são uma clara castração dos impulsos, tendências instintivas e desejos que, seja como for, fazem parte da natureza humana. Pois bem, que tipo de vida pode ser estabelecida quando a pessoa reduz a existência à simples satisfação de necessidades? A autosatisfação, caso seja possível, realmente produz o que? Em muitos casos, atrofia, fastio, vazio e solidão... A vocação cristã e a vocação específica incorporam o mundo de necessidades e desejos, mas ordena-os a partir de outros pontos de referência e recomenda serem satisfeitos em uma lógica diferente: a do dom.

Algumas vocações são mais importantes que outras. Este é um dos preconceitos mais terríveis na maneira de entender as vocações específicas. Quando se justifica um valor mais elevado em algumas das vocações, elas são desfiguradas da fonte original em que brotaram como caminhos de serviço, dedicação e disponibilidade. O abuso de poder em algumas vocações específicas decorre da consciência de ser especial, uma rara classe da superelite, que deve ser cuidada e superprotegida. A partir da inspiração do evangelho, nunca será possível argumentar a superioridade de alguém sobre outro alguém. Ao contrário, projeta uma dignidade particular sobre cada tipo de vocação e coloca-as com o mesmo valor como caminhos para viver a plenitude do amor.

A vocação é cumprir as expectativas de Deus. Esse preconceito sobre a vocação é alimentado por uma relação infantil de dependência de Deus. Deste ponto de vista, Deus é uma espécie de "super papai" que deve ser conquistado cumprindo suas expectativas e esperando a sua aprovação. Isso não tem nada a ver com fazer a vontade de Deus. Cumprir a vontade de Deus implica autonomia suficiente para tornar-se dono da própria vida

e, por amor livre, entregar-se a um projeto maior que os limites do próprio desejo. A aprovação de Deus não é um conceito saudável no discernimento vocacional; ao menos não é suficiente para uma opção livre e consciente.

A vocação contradiz a identidade mais profunda da pessoa. Embora a Igreja preserve o profundo valor e sentido evangélico de cada vocação, ao longo da história foram feitos alguns acréscimos às vocações específicas que são meramente acidentais. Assim, em certos contextos, apresenta-se uma visão padrão de uma vocação específica, fora da qual sua inspiração seria traída. Neste sentido, certas apresentações sobre a vocação cristã e as vocações específicas são devedoras de seu tempo e de sua cultura. Nestes casos, sim, pode ser dito que a vocação contradiz a verdade profunda da pessoa, pois “o sábado está feito para o homem, não o homem para o sábado” (Mc 2,27). Cada pessoa deve encontrar na sua própria vocação espaço suficiente para ser ela mesma e aceitar o desafio de ser o melhor de si mesma.

A vocação é alinhar-se a um modelo padrão assumido pela sociedade, mas isso coloca a pessoa em um papel que, a longo prazo, a aliena. A vocação é sempre muito mais do que um simples papel ou o exercício de uma profissão. A vocação específica deveria ter o potencial de tocar e organizar todos e cada um dos aspectos da vida humana e cristã, caso contrário não é vocação. E o mais importante, a vocação específica, como estilo de vida em Cristo, é um itinerário que tem a ver com um processo de crescimento e amadurecimento constante em to-das as direções da vida. A vocação aliena quando não assume seu dinamismo e sua proposta de constante renovação.

A vocação é um simples sentimento frustrado e sublimado, que torna a vida suportável. Há quem afirme que a vocação cristã e a vocação específica é um recurso fácil para sublimar sentimentos frustrados, que

tornam a vida mais suportável. A sublimação, inclusive como um recurso inconsciente, tem seu valor na organização da vida humana. Mas, amadurecer um projeto de vida em Cristo obriga, mais dia menos dia, a reposicionar o sentido da vida e a recompor as motivações que a definem e mobilizam. Quando se vive a consciência da própria vocação, esta adquire sempre uma dimensão terapêutica, que ajuda a reconhecer e sanar o interior profundo.

A vocação é um modo a mais de gerar valores no mundo. Para a cada ser humano que vem a este mundo é importante, mais cedo ou mais tarde, transcender. Há muitos modos de transcender na vida. A vocação é um destes. No entanto, o sentido da própria vocação não se define absolutamente por sua fecundidade. A vocação é para dar vida, para gerar valor no mundo, para comprometer-se com um mundo melhor. Mas, antes de tudo, a vocação é para receber vida, para acolher o mistério do que somos e do Mistério que nos habita e, sobretudo, para ser canal da Vida que nos atravessa.

Algumas descrições sobre a vocação cristã

- "A vocação consiste em edificar um sonho de felicidade em Cristo para toda a vida".
- "A vocação é o maravilhoso acontecer da vida cristã".
- "Responder à vocação é fazer emergir a verdade profunda contida no próprio coração".
- "A vocação é o sonho de Deus custodiado, como uma promessa, no coração de cada filho seu".
- "Bem-aventurados os que respondem à vocação, porque seus nomes estarão escritos no coração do Pai".
- "A vocação é para viver o chamado pessoal à santidade".
- "Viver a vocação é peregrinar do amor para a posse da felicidade que nunca termina: a bem-aventurança dos santos".

- “A vocação é um modo de amar a partir da experiência de ter-se descoberto profundamente amados por Deus”.
- “A vocação é paixão por Deus, paixão pela humanidade”.
- “A vocação é seguir a Jesus, o Mestre, pelos caminhos do amor e da alegria”.

O conceito de vocação

1. Realização pessoal <input type="checkbox"/>	2. Opção altruísta <input type="checkbox"/>	3. Uma forma de vida <input type="checkbox"/>	4. Algo sagrado ou um privilégio <input type="checkbox"/>	5. Acontecimento de encontro com Deus <input type="checkbox"/>
<i>Do que sou capaz, ou do que gosto de fazer?</i>	<i>O que me move?</i>	<i>Com o que estou disposto a comprometer toda a minha vida?</i>	<i>Como tornar minha vida especial?</i>	<i>Por que eu, Senhor?</i>
Permite o máximo desenvolvimento das competências pessoais	Leva as pessoas a dedicarem suas vidas ao serviço dos outros por uma causa nobre	Permite que a pessoa faça uma opção que organize, comprometa e abarque toda a sua vida	Leva a pessoa a estar em contato frequente com o sagrado e com uma realidade que a promove	Permite à pessoa realizar o itinerário do discípulo de Cristo, segundo o Evangelho (Mc 3,13).
Trata-se de autorrealização, ou seja, dar a si mesmo a oportunidade de vivenciar, ao máximo, suas próprias habilidades	Trata-se de ser uma boa pessoa e servir aos outros por meio de uma profissão	Trata-se de assumir livremente um modo de vida que englobe tudo o que a pessoa é, sonha e deseja	É uma questão de se entregar às coisas do sagrado, pois a pessoa se sente “especialmente” escolhida para isso	Consiste em viver a vida a partir da relação pessoal com Cristo, que vai indicando o caminho da autêntica vocação: <i>Mt 5,1-10.</i>
Permite que a pessoa se concentre no desenvolvimento de suas habilidades, no esforço de alcançar seus objetivos	Permite à pessoa crescer em generosidade e ser solidária com as pessoas que mais precisam	Ajuda a pessoa a viver de forma estável aquela opção que dá sentido à sua vida	A pessoa vive sua ligação com o sagrado como um privilégio e considera que foi escolhida para algo especial	A pessoa se compreende com a consciência de ter sido convocada: <i>Eis-me aqui, Senhor!</i>
A pessoa faz uma opção profissional ou ocupação estável, normalmente com finalidade econômica	A pessoa se forma profissionalmente para servir aos mais desfavorecidos em um campo em que a ajuda é necessária	Solteirice, casamento, maternidade ou paternidade etc.	A pessoa se capacita para coisas de culto, celebrações etc., através do estudo e da prática	A pessoa procura viver plenamente a sua condição de batizada: a partir da fé, da esperança e do amor
A orientação vocacional consiste em ajudar a avaliar	A orientação consiste em ajudar a conhecer a	A pessoa é orientada para que consiga discernir	A pessoa é orientada para que cresça na consciência do que	A pessoa é ajudada a descobrir o que o Mestre lhe pede em

as diferentes possibilidades na hora de escolher uma profissão com base nas próprias habilidades	inspiração profunda, os sentimentos nobres e os bons desejos da pessoa	qual a sua melhor opção de vida de acordo com suas preferências e gostos	significa ter sido escolhida para viver com o sagrado	cada momento da vida; a " <i>discernir</i> "
O seu limite é que esta forma de entender a vocação é insuficiente para organizar toda a vida da pessoa	Seu limite é que sempre haverá o que fazer pelos outros, mas nem sempre há motivação suficiente para manter a opção	Seu limite é que são opções de vida que podem fracassar e deixar a pessoa sujeita às intempéries	Seu limite é ser uma compreensão elitista da vocação, já que se define de forma privilegiada em relação a outras formas de vida ou vocações	Seu limite é que carrega uma demanda radical para além das forças humanas; é um dom. A pessoa se orienta pelo Evangelho e se entrega aos outros
Um jogador de futebol, um ator, um arquiteto, um engenheiro, um professor...	Um médico, um voluntário, um psicólogo...	Solteiro, cônjuge, mãe ou pai de família...	Aqueles que servem na religião como forma de autopromoção	Leigos, sacerdotes e consagrados...

Santo Agostinho

“Claramente tu respondes, mas nem todos ouvem claramente. Todos te consultam sobre o que querem, mas nem todos ouvem sempre o que querem. Excelente amigo teu é aquele que não se preocupa tanto em ouvir de ti o que gostaria, mas em querer o que ouve de ti” (Santo Agostinho, Confissões 10,26,37).

Magistério da Igreja

“Hoje em dia, tornou-se particularmente necessária a capacidade de discernimento, porque a vida atual oferece enormes possibilidades de ação e distração, sendo-nos apresentadas pelo mundo como se fossem todas válidas e boas. Todos, especialmente os jovens, estão sujeitos a um *zapping* constante. É possível navegar simultaneamente em dois ou três monitores e interagir ao mesmo tempo em diferentes cenários virtuais. Sem a sapiência do discernimento, podemos facilmente transformar-nos em marionetes à mercê das tendências da ocasião” (Papa Francisco, *Gaudete et exultate*, n. 167).

Perguntas para a reflexão pessoal e comunitária ?

1. Orientamos as novas gerações em opções de vida cristã à altura da beleza do Evangelho?
2. Quais dos preconceitos que ouviste te impediram de considerar um seguimento particular de Cristo?
3. Qual seria para ti um conceito evangélico de vocação cristã?

Jornada Mundial de Oração pelas Vocações³

Objetivo

Percorrer alguns traços gerais da história recente da pastoral das vocações na Igreja através das mensagens dos Papas por ocasião da Jornada Mundial de Oração pelas Vocações -JMOV-.

Desenvolvimento do tema

1. Algumas notas históricas

De ordinário celebra-se a Jornada Mundial de Oração pelas Vocações-JMOV no IV Domingo da Páscoa, conhecido como o "Domingo do Bom Pastor", dado que a liturgia da Eucaristia propõe nesse dia o capítulo 10 do evangelho de São João. Ano após ano, o Papa, nos dias próximos à celebração do JMOV, lança uma mensagem em torno de um tema.

Como surgiu a ideia de realizar a Jornada Mundial de Oração pelas Vocações? A remota origem encontramos-na no mandato de Jesus: "*Orai, pois, ao dono da messe que envie operários a sua messe*" (cf. *Mateu 9,38; Loucas 10,2*). A origem próxima foi com dois apóstolos das vocações. A figura de dom Aníbal M. da França, fundador dos *Rogacionistas*, e, na Espanha, dom Manuel Domingo y Sol, fundador da *Hermandad de sacerdotes Operários Diocesanos*. Ao primeiro, São João Paulo II elogiou como um "autêntico precursor e zeloso mestre da moderna pastoral vocacional"; ao segundo, concedeu-lhe o título de: "o santo apóstolo das vocações".

³ Cf. VITO Magno, *Jornada Mundial de Oração pelas Vocações*, Em: Dicionário de Pastoral Vocacional, Segua-me, 2005.

Sob o impulso dos últimos Papas e o zelo peculiar dos "apóstolos das vocações" surgiu, na Igreja, diversas iniciativas e atividades cujo fim último é rezar em comunidade pelas vocações.

Foi em 1951, quando a revista *Rogate Ergo* insistiu na criação de um "dia pelas vocações". E, um ano depois, a mesma sugestão é manifestada na revista *Ecclesia*, por parte do operário Jorge Sans Vila. O Papa Pío XII, com o motu próprio "*Cum nobis*" (04/11/1941), instituiu a Obra Pontifícia para as vocações sacerdotais, encomendando-lhe a promoção da oração pelas vocações. Na encíclica *Menti nostrae* (23/09/1950), volta a insistir no assunto.

Poucos anos depois, o Papa João XXIII trata do tema na encíclica *Sacerdotii nostri primordia* (01/08/1959). Este Papa, impulsionado pelas diversas iniciativas particulares e pelos pedidos publicados nas revistas *Rogate Ergo* e *Ecclesia*, instituiu, para Itália, no ano 1961, o "dia nacional das vocações eclesíásticas". Às vésperas do Concílio Vaticano II, falando aos participantes do Congresso internacional de vocações (26/05/1961), João XXIII insistiu, de modo especial, na necessidade de orar pelas vocações.

O Papa Paulo VI, na carta apostólica *Summi Dei Verbum* (04/11/1963) afirma que o primeiro dever de todos os cristãos, para com as vocações sacerdotais, é o da oração, segundo o projeto do Senhor: "*Mensis quidem multa...*".

O argumento para a oração pelas vocações era tomado dos documentos do Vaticano II, sobretudo do decreto *Optatum Totius* 2, que insiste na necessidade de "*rogar insistentemente*" pelas vocações. São também importantes os textos seguintes: *Christus Dominus* 15; *Presbyterorum Ordinis* 11; *Ad Gentes* 29, 36, 38, 39, 40; *Lumen Gentium* 4, 12, 20; *Perfectae Caritatis* 1.

A ação dos papas com frequência foi preparada e depois apoiada zelosamente em muitos contextos da Igreja. Paulo VI comunicou a instituição da JMOV aos responsáveis pelos dicastérios da Cúria Romana em 23 de janeiro de 1964 e ao episcopado católico em 02 de fevereiro do mesmo ano. A primeira mensagem do papa para a celebração da jornada, foi fixada para 12 de abril de 1964, e transmitida pela Rádio Vaticana na tarde do sábado de 11 de abril.

A Sagrada Congregação de seminários e universidades tinha pedido ao Papa a instituição de um "*Dia mundial das vocações*". O papa Paulo VI mudou pessoalmente a denominação e sugeriu que se chamasse "*Jornada Mundial de Oração pelas Vocações*". Das mensagens anuais para a JMOV, a primeira foi uma das mais breves e terminava com uma oração que foi adotada como própria por uma série de pessoas e comunidades de todo mundo. A iniciativa pontifícia pôs imediatamente em movimento uma série de organismos capazes de envolver toda a comunidade eclesial. Ao Magistério do Papa uniu-se a de muitos bispos que se dedicaram ao tema em cartas pastorais.

Valendo-se de diferentes dos órgãos de informação, os secretariados ou centros diocesanos da obra das vocações animaram a jornada. Não se pode ignorar que, nos anos imediatamente posteriores à instituição da JMOV, contribuíram também para promover iniciativas de oração e celebração adequada da jornada, tanto o progresso da pastoral das vocações como a crise já evidente das vocações sacerdotais e religiosas em toda a Igreja.

1. Tema de cada Jornada Mundial de Oração pelas Vocações

1964: Radiomensagem: o que é a Jornada Mundial.

1965: A pastoral vocacional na missão eclesial.

- 1966: Responsabilidade de todos de promover as vocações.
- 1967: A vocação de todos e as vocações consagradas.
- 1968: Necessidade de vocações e liberdade de escolha.
- 1969: A iniciação dos jovens no caminho vocacional.
- 1970: Enfrentando a crise de vocações consagradas.
- 1971: Chamado aos jovens: consagrar a vida a algo grandioso.
- 1972: A vocação laical e as vocações sacerdotais.
- 1973: Sentido profundo do chamado de Deus.
- 1974: Chamar direta e claramente aos jovens.
- 1975: Exigências do chamado à consagração.
- 1976: Nexo profundo entre vocação e evangelização.
- 1977: A vocação implica fé, amor e sacrifício.
- 1978: A oração, coração da vida vocacional.
- 1979: Orar, chamar e responder.
- 1980: Evangelizar é anunciar a verdade das vocações.
- 1981: A responsabilidade de todos na pastoral vocacional.
- 1982: A vocação é um chamado à vida.
- 1983: A vocação é um dom de Deus.
- 1984: Os diferentes responsáveis pela pastoral vocacional.
- 1985: Pastoral juvenil e pastoral vocacional.
- 1986: A comunidade paroquial e as vocações.
- 1987: Os pais de família e sua tarefa vocacional.
- 1988: Maria, modelo de oração vocacional.
- 1989: A escola católica e a pastoral vocacional.
- 1990: Solidez espiritual das vocações consagradas.
- 1991: Catequese e pastoral vocacional.

- 1992: A vida consagrada.
- 1993: Vocação e evangelização.
- 1994: Família e vocação.
- 1995: Pastoral juvenil e pastoral vocacional.
- 1996: As vocações nascem da comunidade cristã.
- 1997: Catequese bíblica vocacional: história de vocações.
- 1998: As vocações, obra do Espírito Santo.
- 1999: Deus Pai que chama à vida filial.
- 2000: A Eucaristia, fonte de toda vocação.
- 2001: A vida como vocação.
- 2002: A vocação, caminho de santidade.
- 2003: A vocação ao serviço humilde.
- 2004: A espiritualidade e a oração na cultura atual.
- 2005: Remar mar adentro para seguir Jesus.
- 2006: A vocação no mistério da Igreja.
- 2007: A vocação ao serviço da Igreja comunhão.
- 2008: As vocações a serviço da Igreja em missão.
- 2009: A confiança na iniciativa de Deus e a resposta humana.
- 2010: O testemunho suscita vocações.
- 2011: A Igreja diocesana, fonte de vocações.
- 2012: As vocações são um dom do amor de Deus.
- 2013: As vocações sinal da esperança fundada sobre a fé.
- 2014: Vocações, testemunho da verdade.
- 2015: O êxodo, experiência fundamental da vocação.
- 2016: A Igreja, Mãe das vocações.
- 2017: Impulsionados pelo Espírito para a missão.

2018: Escutar, discernir, viver o chamado do Senhor.

2019: A coragem de arriscar pela promessa de Deus.

2020: As palavras da vocação.

2021: San José: o sonho da vocação.

2022: Chamados a edificar a família humana.

Santo Agostinho

“Que outra ocupação você tem além de elogiar quem você ama e procurar outros que façam isso com você”? (Santo Agostinho, Comentários aos salmos 72,34).

Magistério da Igreja

“A sinodal idade, o caminhar juntos, é uma vocação fundamental para a Igreja; e somente neste horizonte é possível descobrir e valorizar as diversas vocações, os carismas e os ministérios. Ao mesmo tempo, sabemos que a Igreja existe para evangelizar, saindo de si mesma e espalhando a semente do Evangelho na história. Portanto, tal missão é possível precisamente fazendo que haja cooperação em todos os âmbitos pastorais e, mais ainda, envolvendo a todos os discípulos do Senhor. Efetivamente, *em virtude do Batismo recebido, cada membro do Povo de Deus converteu-se em discípulo missionário (cf. Mt 28,19). Cada um dos batizados, qualquer que seja sua função na Igreja e o grau de ilustração de sua fé, é um agente evangelizador* (Exhort. ap. *Evangelii gaudium*, 120). É necessário estar atentos à mentalidade que separa os sacerdotes dos leigos, considerando protagonistas os primeiros e executores os segundos, e levar adiante a missão cristã como único Povo de Deus, leigos e pastores juntos. Toda a Igreja é comunidade evangelizadora” (Papa Francisco, Mensagem para a 59ª Jornada mundial de oração pelas vocações 2022).

Perguntas para a reflexão pessoal e comunitária ?

1. Como se celebra em sua comunidade a Jornada Mundial de Oração pelas Vocaciones?
2. A oração é a principal ação na pastoral vocacional. Como sua comunidade se compromete com oração pelas vocações?

O s a g o s t i n i a n o s r e c o l e t o s

Objetivo

Compreender que os Agostinianos Recoletos são um grupo de pessoas de fé católica que, inspirando-se na doutrina e espiritualidade agostiniana, seguem a Jesus e têm como desafios distintivos a comunidade, a interioridade e o apostolado.

Desenvolvimento do tema

1. *Origem e difusão*

Têm Santo Agostinho como pai espiritual (354-430) e nasceram por decisão do Capítulo que os Agostinianos da Província de Castela celebraram em Toledo em dezembro de 1588. Na Ordem dos Agostinianos surgiu um desejo de reforma, promovido pelo concílio de Trento.

Esse Capítulo de Toledo recolhe este desejo de uma vida mais recolhida, com mais dedicação à oração, maior ênfase na vida comum e maior austeridade, e decide que sejam fundados mosteiros para os que, livremente, desejassem viver assim.

O primeiro convento alocado para varões foi o de Talavera de la Reina (Toledo), e o de mulheres foi criado em Madri por santo Alonso de Orozco. Em 1605 já existiam 17 conventos espalhados por toda a Espanha.

Outro renovo da Recoleção Agostiniana brotou na Colômbia. Em 1604, os primeiros recoletos na América Latina iniciaram sua jornada ao redor da ermida colombiana de La Candelaria.

2. Horizonte missionário e fortes turbulências

Em 1605 os Agostinianos Recoletos chegaram às ilhas Filipinas, que foi o horizonte missionário quase único até a independência destas ilhas em 1898, onde a Recoleção Agostiniana escreveu muitos de seus gloriosos feitos missionários.

Se a Guerra da Independência contra os franceses em 1808 foi um duro golpe para a vida religiosa em geral, as leis de confisco de Mendizábal em 1835 foram um golpe mortal para a vida religiosa na Espanha.

Os Agostinianos Recoletos perderam 29 dos 30 conventos que tinham na Espanha. Só ficou o de Monteagudo (Navarra), que o governo deixou nas mãos da Ordem porque preparava religiosos e sacerdotes para as missões de Filipinas, o que era de interesse prioritário para a coroa real.

Foi grave o perigo de extinção dos Agostinianos Recoletos na Espanha. Mas as mudanças políticas aliviaram as dificuldades e conseguiu-se uma nova casa de formação em Marcilla (Navarra) e depois outra em San Millán da Cogolla (A Rioja), sempre com o olhar nas Filipinas, para onde iam praticamente todos os religiosos.

Ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX centenas de recoletos Evangelizaram as Filipinas e ali entregaram sua vida, a maior parte sem jamais regressar a Espanha.

3. Expansão por Latinoamérica

A revolução filipina de 1898 foi outra prova de fogo para a sobrevivência dos Agostinianos Recoletos. A maior parte teve que abandonar o arquipélago. Um bom grupo acabou perecendo, em quanto outros sobreviveram.

Estes fatos obrigaram a procurar novos territórios missionários, que foram encontrados na América Latina: Brasil, Panamá, Venezuela,

Colômbia. Este último é o país onde, desde o século XVII, já havia grupo de recoletos, que passou por dificuldades múltiplas produzidas em parte pelos poderes políticos.

Apesar de tudo, a Recoleção se manteve em pé e não faltaram homens providenciais (frei Enrique Pérez, monsenhor Toribio Minguella, santo Ezequiel Moreno...) que tiveram um impulso especial para manter vivo o próprio carisma e converter os agostinianos recoletos em uma Ordem religiosa autônoma, com independência legal dos agostinianos, dos quais, na prática, nunca dependeram desde o nascimento da Recoleção.

4. Os Agostinianos Recoletos como Ordem religiosa

O papa são Pío X concedeu esta autonomia pela bula "Religiosas famílias" no ano 1912. A partir de então a Ordem dos Agostinianos Recoletos reorganiza-se em todas as instâncias e o número de religiosos e ministérios atendidos ao longo do século XX aumentou, Alcançando o número de 1.500 membros nos anos 70. A Ordem está hoje integrada por cerca mil religiosos, com presença desigual em 20 países.

5. A Família Agostiniano-Recoleta

Os Agostinianos Recoletos têm unstraços que os caracterizam: a vida interior (oração, liturgia das horas...), o caráter missionário –vão aonde a Igreja precisa–, a importância da vida comum, a simplicidade e a busca da Verdade.

Paralela à história dos Agostinianos Recoletos desenvolveu-se uma história riquíssima na Ordem das Agostinianas Recoletas, de vida contemplativa, que têm mosteiros sobretudo na Espanha e no México; mas, nos últimos decênios, fundaram nos Estados Unidos, Filipinas, Brasil, Quênia, Colômbia e Costa Rica. O total das freiras agostinianas recoletas contemplativas gira em torno de 500.

Muito unidas aos Agostinianos Recoletos por sua espiritualidade estão as freiras Agostinianas Descalças de São João de Ribera.

Nascidas à sombra ou sob a influência da espiritualidade agostiniano-recoleta estão as Augustinian Recollect Sisters, as Agostinianas Recoletas do Coração de Jesus, as Missionárias Agostinianas Recoletas e as Agostinianas Recoletas dos Enfermos.

A Família Agostiniano-Recoleta não está formada só por religiosos e religiosas, mas também por leigos, que vivem sua vida cristã animados pela espiritualidade agostiniano-recoleta: a Fraternidade Secular Agostiniano-Recoleta, as Juventudes Agostiniano-Recoletas e as Mães Cristãs de Santa Mônica.

6. Santos e santas da Família Agostiniano-Recoleta

Santo Agostinho

Agostinho de Hipona nasceu em Tagaste (Numídia, hoje Argélia) em 13 de novembro do 354, filho de pai pagão e mãe cristã (santa Mônica).

Estudou os clássicos gregos e latinos em Madaura. Depois, em Cartago, era esperado pela universidade, onde manifestou uma clara vocação intelectual. Dedicou-se ao ensino em Tagaste e em Cartago. Dali foi para Roma onde exerceu a cátedra de Retórica. Procurando a promoção, concorreu e ganhou uma cátedra em Milão.

O itinerário religioso de Agostinho passou por diferentes crenças movido por sua inquietação contínua, que o levou a situações de desassossego e experimentação. A leitura da Bíblia, os conselhos de sua mãe e os sermões de santo Ambrósio, bispo de Milão, o levaram a um paradigmático caminho de conversão em 386. Este caminho tem sido um exemplo para homens e mulheres de todas as épocas.

Foi batizado pelo bispo Ambrósio na noite de 24 para 25 de abril do ano 387, na vigília pascal.

Perante a necessidade da Igreja foi ordenado sacerdote em Hipona, no ano 391, e em 397 passa a ser o bispo dessa sede. No entanto, procurou sempre viver a fé em comunidade, um tema do qual foi especialista na teoria e na prática. De fato, foi fundador de numerosas comunidades, e sua influência chega até nossos dias na ampla Família Agostiniana.

Seus sermões, suas cartas e obras, como *A Cidade de Deus*, e muitas outras, passaram à história da literatura e da espiritualidade católica. Algumas ainda estão nas listas das mais vendidas, como as *Confissões*, onde narra seu itinerário de conversão.

Morre em Hipona em 28 de agosto do 430, após ter fundado mosteiros, pregado com ardor a Palavra de Deus e deixado muitas obras que são fonte para o pensamento e a ciência atuais.

Santa Mônica

Nasceu em Tagaste (hoje território argelino) no ano 332. Como era costume na época, seus pais decidiram que se casasse com Patricio, homem trabalhador, mas de mau gênio, jogador, sem religião nem afã espiritual.

Durante 30 anos Mônica viveu uma vida que não havia desejado. Tiveram três filhos. Os dois mais novos foram sua alegria e consolo, mas o primeiro, Agostinho, foi causa de muitos desvelos por causa de sua vida errática.

Eram tempos de grande violência institucional, social e familiar, com castigos físicos habituais. Embora Patricio tivesse fama de mau gênio, Mônica nunca sofreu tais castigos. Ela explicou a suas amigas o motivo:

quando Patricio estavairado, ela se esforçava por serenar-se com bom humor: se um não quer, dois não brigam.

Patricio criticava as tantas orações de Mônica e sua generosidade com os pobres, mas não se opunha a que se dedicasse a estas boas obras. Mônica rezava, e no ano 371 conseguiu a conversão à fé católica, tanto de seu marido como de sua sogra.

Um ano após batizar-se, Patricio morreu. E Mônica direcionou todos os seus esforços para Agostinho, seu filho mais velho.

Depois de muita oração, conselhos, conversas e, sobretudo, muito carinho, Mônica influenciou Agostinho até sua conversão final e seu batismo. Uma vez conseguido, sofreu umas febres que a levaram à morte no ano 387, aos 55 anos de idade. Mas faleceu feliz ao ver que tinha conseguido a felicidade de seu filho.

Milhares de mães e de esposas encomendam-se, desde então, a santa Mônica. As Mães Cristãs de Santa Mônica é uma associação da Família Agostiniano-Recoleta que reúne mães que querem orar especialmente por seus filhos e se apoiar mutuamente.

Santo Alípio e Possídio

Dentro do grupo dos amigos que fizeram parte da vida de Santo Agostinho, se encontram Alípio e Possídio. A tradição os considera os representantes mais qualificados da herança agostiniana. Estes dois homens, contemporâneos e oriundos da mesma região da África Romana, foram unidos pela vida graças a um amigo comum: Agostinho.

Ambos compartilharam com ele momentos importantes como irmãos de comunidade no mosteiro e, depois, como bispos de Tagaste e Calama,

sucessivamente. Ambos serão as mãos do bispo de Hipona em seus mais árduos e dedicados trabalhos. Os três participarão em importantes concílios e serão arautos defensores da fé católica.

A relação entre Agostinho e Alípio se inicia quando este era muito jovem, já que foi um de seus alunos em Tagaste. Sua admiração pelo jovem estudante é muito profunda, devido a sua afeição pelos livros e à leitura. Ademais, sua grande personalidade e pureza de espírito surpreendiam a quem o conhecia; isto, unido a seu amor e defesa da justiça até as últimas consequências.

Agostinho dedicará a ele uma seção do Livro 9 das *Confissões*, na qual se refere a Alípio como "*irmão de meu coração*" (cf. *Conf.* 9,4,7). Com ele compartilhará também a inquietação e a busca da fé, que desembocará no batismo de ambos na noite de 25 de abril do ano 387. Ainda que o encargo episcopal os tenha separado fisicamente, a amizade entre ambos jamais decaiu um mínimo sequer.

Alípio será sempre o amigo fiel de Agostinho, "*sua alma gêmea, irmão, confidente; seu refúgio e descanso nas grandes batalhas. Alípio é, com Mônica, a pessoa que fez de Agostinho um Santo Agostinho*" (cf. Sánchez C. Antonio, *Alípio o Amigo, Possídio o discípulo*. Nossos santos agostinianos/10, Marcilla (Navarra), Espanha, 1991, p. 43).

Possídio foi o primeiro biógrafo de Santo Agostinho. Seu relato, após ter vivido com ele aproximadamente quarenta anos, é vivo e de grande realismo. A relação entre ambos data, ao que parece, dos tempos da fundação do primeiro mosteiro de Hipona, no qual Possídio viveu até o ano 400, quando também foi eleito para ser bispo.

O maior testemunho de amizade, e sobretudo de confiança que havia entre ambos, se encontra em uma carta de Agostinho dirigida a um bispo

italiano, na qual se refere a Possídio com estas palavras: "*Em Possídio achará não pouco de minha pessoa*" (cf. *Ep.* 101,1). Agostinho é para ele um mestre que lhe ensina, acompanha e defende, e é também um pai.

Por sua vez, Possídio, sendo de origem humilde, mostrou-se sempre o amigo fiel, tenaz, singelo, nobre, que em tudo admira e respeita seu mestre. Ele mesmo, falando de Agostinho, escreverá no final de sua obra: "*A ele me uniu, pelo espaço de quarenta anos, uma amizade concorde e suave*" (*Vida de Santo Agostinho*, 31).

A vida destes dois homens encarna, sem dúvida alguma, o valor que a amizade tinha para Agostinho. Sobre a base desta amizade construirão juntos um projeto que se mantém vivo ainda em nossos dias: a vida comum, a fraternidade, a unidade de almas e corações de muitos em Deus. Por esta razão, a Ordem declarou-os, em 2021, patronos do movimento de jovens agostinianos recoletos –JAR.

São Nicolau de Tolentino

Nicolau nasceu em Sant'Angelo in Pontano (Itália) no ano 1245. Ingressou jovem nos agostinianos de seu povoado natal como estudante e noviço.

Ordenado sacerdote em 1273, foi destinado a Tolentino, onde passaria trinta anos de sua vida.

Não foi ilustre por seus escritos ou sua ciência. Mas se destacou, na sociedade de seu tempo, pela sua pregação, dedicação pastoral como confessor e no atendimento aos mais necessitados.

O espírito de caridade o levava a percorrer os bairros mais humildes, a visitar os doentes mais graves e ao atendimento, tanto materiais quanto espirituais.

Nele confluem a contemplação e o apostolado, o diálogo com Deus e a sensibilidade pelos problemas humanos. Austero, místico, encontrou a felicidade na vida comum por um profundo amor a Santo Agostinho e um fervoroso seguimento de sua Regra.

Morreu no dia 10 de setembro de 1305, com uma grande fama de santidade.

Deus realizou através de Nicolau numerosos milagres em vida e após sua morte. É por isso considerado o intercessor das almas do purgatório e, ao longo da história, seus devotos procuravam a proteção contra a peste, os incêndios e a gagueira.

Nicolau tem sido, para a Família Agostiniana, o santo que soube viver a fidelidade carismática e pôr em prática os ensinamentos agostinianos. Por isso foi proclamado o patrono da Província São Nicolau de Tolentino, a mais antiga província da Recolção Agostiniana.

Sua iconografia costuma representá-lo com uma estrela no peito por causa de uma visão que o santo teve de sua vida e pela sua santidade.

Também costuma aparecer com uma perdiz em um prato para reproduzir um milagre que fez voar uma perdiz assada que lhe era apresentada. Representa sua vida penitente.

Santa Rita de Cássia

Rita ao nascer recebeu o nome Margherita Lotti em Roccaporena (província de Perugia, na Úmbria italiana), bem perto de Cássia, em 22 de maio do ano 1380 ou 1381.

Aos 16 anos foi unida por seus pais em matrimônio com Fernando Manzini, com quem teve dois filhos. Sua vida espiritual influenciou a conversão de seu esposo.

As circunstâncias de seu tempo geraram lutas que terminaram no assassinato de seu esposo Fernando. Apesar das dificuldades e de ser comum o desejo de vingança naquela sociedade com a famosa lei da *vendetta*, Rita soube perdoar os assassinos de seu esposo e se tornou a verdadeira promotora da paz e do perdão.

No entanto, o ódio encontrou lugar no coração de seus filhos, dispostos a vingar a morte de seu pai com mais violência. Rita manifestou então a Deus, com total humildade, que preferia ver seus filhos mortos antes que ficassem manchados pelo sangue homicida. Ambos ficaram doentes e morreram jovens.

Viúva e sem filhos, Rita ingressou no mosteiro agostiniano de Santa Maria Madalena de Cássia, onde, durante 40 anos, serviu a Deus e à comunidade com fidelidade, dedicação e generosidade, depois de adotar o nome de Rita em sua consagração religiosa.

Modelo de esposa, mãe, viúva e religiosa, a devoção a Santa Rita penetrou com intensidade no povo de Deus nos cinco continentes.

Sua santidade nasce de uma relação fundamentada em Cristo que a fez viver de um modo surpreendente a vida quotidiana em circunstâncias excepcionais.

A fama de sua intercessão junto a Deus a fez merecedora do título de advogada nos casos impossíveis, bem como uma das santas com maior devoção dentro da família agostiniana. Assim o atestam a grande quantidade de templos dedicados a ela.

São João de Sahagún

Nascido em Sahagún (León, Espanha) em 1430, João González Del Castrillo era o primeiro dos sete filhos de um próspero casal. Fez seus primeiros

estudos no mosteiro de San Benito de Sahagún, mas foi o bispo de Burgos, Alfonso de Cartagena, que, depois de ver seu valor, supervisionou sua educação, levou-o para Burgos e nomeou-o secretário Cônego da catedral de Burgos.

Após transferir-se para Salamanca a fim de estudar, conheceu os agostinianos e decidiu, finalmente, ingressar na Ordem de Santo Agostinho.

A Salamanca daquela época estava sem vida, com dois grupos de famílias nobres que, há quatro décadas, com a prática continuada de assassinatos e violência, lutavam pelo controle da cidade. Toda a população vivia sob terror.

João de Sahagún interveio e pacificou a cidade. Seus habitantes sempre o respeitaram e o amaram por isso. De fato, ele foi nomeado patrono da cidade em 1868.

Em Salamanca podem ser visitadas duas ruas cujos nomes recordam dois milagres atribuídos ao santo: na rua do Poço Amarelo, João salvou a um menino de morrer afogado em um poço; e na rua Tentenecio, João parou um touro bravo que, depois de se escapar, causava estragos e pânico na cidade. O frade interpôs-se em seu caminho e gritou ao animal: "Tente, néscio!". Imediatamente o touro se acalmou e puderam levá-lo de volta aos currais.

João de Sahagún morreu envenenado, possivelmente por pessoas incomodadas pelas censuras que lançava durante seus sermões.

A Igreja de São João de Sahagún, em Sahagún está construída no lugar da casa familiar (sic). Ao seu lado encontra-se a sede da *Hermanidad de San Juan de Sahagún*. Na Catedral de Burgos existe uma capela dedicada ao santo, e em Salamanca, bem perto da Praça Maior, também existe um templo dedicado ao santo.

Santo Tomás de Vilanova

Tomás García Martínez nasceu no final de 1486. Sua infância e juventude decorreu em *Villanueva de los Infantes* (Cidade Real, Espanha).

De família rica, estudou Artes e Teologia na Universidade de Alcalá de Henares. Mas sua vocação levou-o a tornar-se agostiniano em Salamanca em 1516. Em 1518 foi ordenado sacerdote. Foi prior, visitador geral e prior provincial de Andaluzia e Castilla e professor, além de conselheiro e confessor de Carlos I. Como provincial, enviou os primeiros missionários agostinianos ao México em 1533.

Não obstante tais cargos, sua fama procedia de sua austeridade e do amor incontestável pelos pobres, especialmente os órfãos e os doentes. Esteve adiantado no tempo por sua concepção moderna de caridade e esmola, afastando-se do assistencialismo e da dependência do pobre; deste modo, atacava estruturalmente a raiz da pobreza usando os recursos para dar perspectiva de trabalho e profissão: “A esmola não é apenas dar o que se tem, mas tirar da necessidade aquele que padece e livrá-lo dela quando for possível”, dizia.

Devido à sua coerência e empenho, bem como à sua fama de excelente administrador e líder, foi nomeado, muito a contragosto, arcebispo de Valência em 1544. Uma diocese que fazia um século não tinha um governo eficiente e sofria o caos administrativo e pastoral.

Em Valencia, Tomás organizou um plano específico de formação para os sacerdotes, um exemplar programa de auxílio social que deu resultados palpáveis na sociedade local, um colégio especial para os mouriscos convertidos, um cuidado integral para órfãos...

Seus sermões, suas pregações e comentários bíblicos nunca passaram despercebidos, nem mesmo pelo Imperador. Faleceu por causa de uma

angina de peito em 1555. Foi canonizado em 1658. Autores como Francisco de Quevedo escreveram sobre ele. É patrono de Universidades, centros educativos, de uma das Províncias dos Agostinianos Recoletos e cidades na Espanha e Colômbia. Sua festividade é celebrada no dia 10 de outubro. Uma campanha pede que ele receba o título de Doutor da Igreja.

Santa Madalena de Nagasaki

Filha de nobres e fervorosos cristãos, Madalena nasceu em 1611 perto da cidade japonesa de Nagasaki. Ainda muito jovem viu seus pais e irmãos serem condenados e executados por serem católicos.

Em 1624 conheceu aos agostinianos recoletos Francisco de Jesus e Vicente de Santo Antonio. Atraída por sua profunda espiritualidade, consagrou-se a Deus como agostiniana recoleta secular.

A partir desse momento, sua roupa passou a ser o hábito de terciária, e dedicava-se à oração e à leitura espiritual. Catequizava os meninos e pedia esmola aos comerciantes portugueses em favor dos pobres.

A perseguição do imperador Yemitsu, cada vez mais sistemática e cruel, contra os cristãos, se intensificava. Em 1629, refugiou-se nas montanhas com os dois recoletos e várias centenas de cristãos. Em novembroos dois missionários foram capturados. Ela permaneceu escondida, suportando com serena alegria sofrimentos e privações.

Infundia coragem a todos para que se mantivessem firmes, e os animava para que não renegassem a fé, visitava os doentes, batizava os recém nascidos e tinha para todos uma palavra de alento.

Para dar exemplo aos cristãos aterrorizados pelas torturas, Madalena desafiou os tiranos. Em setembro de 1634 apresentou-se ante os juízes

com seu hábito de terciária e um pequeno fardo de livros para ler no cárcere e rezar.

As promessas de um matrimônio vantajoso não dobraram sua vontade e foi submetida ao tormento da fossa, suspensa pelos pés, com a cabeça e o peito introduzidos em uma cavidade coberta com tábuas.

Resistiu 13 dias, até que uma forte chuva inundou a fossa e a mártir se afogou. Espalharam as cinzas no mar para que os cristãos não conservassem seus relíquias.

Santa Madalena de Nagasaki é a insigne patrona da Fraternidade Secular Agostiniano-Recoleta.

Santo Ezequiel Moreno

Ezequiel Moreno Díaz nasceu em Alfaro (La Rioja, Espanha) no dia 9 de abril de 1848. Seguindo sua precoce vocação, ingressou nos seminários da Ordem dos Agostinianos Recoletos, acompanhou os passos de seu irmão. Professou em 1864 como religioso da Ordem.

Finalizados seus estudos, foi enviado como missionário às Filipinas, onde foi ordenado sacerdote em 1871. Missionário reconhecido, logo obteve fama por sua dedicação ao povo de Deus e sua contínua busca do bem.

Depois de regressar a Espanha, por algum tempo, para ser formador de missionários em Monteagudo (Navarra), foi chamado à importante missão de revigorar a Ordem na Colômbia.

Sua impecável e dedicada atuação valeu-lhe, depois de sua ordenação episcopal em 1894, ser nomeado vigário apostólico de Casanare. Continuou depois servindo à Igreja na Diocese de Pasto.

Não foram tempos fáceis para a Igreja colombiana, devido às divisões políticas e à existência de grandes forças anticlericais na sociedade. Apesar de sofrer várias campanhas de difamação, o povo de Pasto reconheceu seu carinho e seu continuado trabalho pelos mais desfavorecidos.

Enfermo de câncer, volta a Espanha, embora pouco pudesse ser feito por sua saúde. Decidiu retirar-se a Monteagudo, onde havia feito o noviciado, professou a vida religiosa e onde formou novos missionários. Em 19 de agosto de 1906 falece por causa da doença.

Ezequiel é um exemplo de religioso, de sacerdote, de bispo e, no final da vida, de enfermo. Em 1992, João Paulo II o propôs como modelo de evangelizador e o canonizou em Santo Domingo (República Dominicana) por ocasião do encontro do episcopado latino-americano e da comemoração do V Centenário da Evangelização da América.

Sua vida e sua intercessão valeram-lhe o título de *especial protetor dos portadores de câncer*, doença que sofreu com grande fortaleza de espírito.

1. *Vocação e vida segundo o carisma agostiniano recoleto*

Nas próximas páginas, apresentamos algumas das formas de vida que se beneficiam do carisma agostiniano recoleto: religiosos, monjas de clausura, religiosas de vida ativa, Fraternidades Seculares, Juventudes Agostiniano-Recoletas, Mães Cristãs de Santa Mônica...

Frades agostinianos recoletos

Ser religioso agostiniano recoleto é fazer parte de uma grande família que caminha para a mesma meta, que é sempre Cristo.

Percorremos este caminho juntos, segundo a maneira proposta por Santo Agostinho, um dos santos que mais promoveu a vida em

comunidade; e chamamo-nos Recoletos porque fazemos parte da tradição que procura, desde o século XVI, uma vida mais recolhida e austera, com um modo de vida mais comunitário, e fazendo do silêncio e da interioridade meios para dialogar com Deus que habita em nós.

Em nossas casas formamos comunidades de irmãos, conforme o desejo de Santo Agostinho, e juntos desejamos seguir a Cristo pobre, casto e obediente, como podemos ler no Evangelho.

Somos homens de coração inquieto, procurando a verdade e estando a serviço da Igreja e da humanidade.

Ser agostiniano recoleto é abraçar uma forma de ser, viver e pensar chamada *carisma*, que se resume no amor incondicional a Deus, une os corações na convivência comunitária de irmãos e desejamos que se difunda entre as pessoas para cativá-las e uni-las a Cristo em sua Igreja.

Como agostinianos recoletos queremos viver com alegria nossa vocação de seguir todos os dias a Jesus, a partir de uma vida singela e, assim, semear a mensagem de esperança de Jesus Cristo ali onde vivemos e trabalhamos.

A Recoleção feminina

Monjas contemplativas

Ser monja agostiniana recoleta é viver em comunidade buscando e adorando a Deus, amando-o sem medida na contemplação, no trabalho para o sustento e na vida comum.

A vida contemplativa agostiniano-recoleta é tecida no cotidiano e distingue-se por uma busca de Deus na oração, no retiro, no silêncio e na austeridade; e sempre à maneira de Santo Agostinho: em comunhão fraterna.

As monjas recoletas querem responder fielmente à sua vocação contemplativa. Imagem da Igreja peregrina, as monjas são sinal da vida do céu em meio à humanidade.

O amor de Deus, que nasce da contemplação, é sempre difusivo. Desta maneira, quanto mais se participa do conhecimento e do amor de Deus, mais força terá para, com uma oração contínua pelos demais, difundir esse autêntico amor de Deus na sociedade.

Religiosas de vida ativa

Ser missionária agostiniana recoleta, em uma comunidade fraterna e em contínua interioridade é buscar, acima de tudo, a glória de Deus, a própria santificação e a extensão do Reino de Deus (justiça, dignidade, paz, igualdade... Em resumo, amor).

Uma missionária agostiniana recoleta, para responder à sua vocação, trata de imitar o modo de vida de Jesus, de tal modo que se propõe testemunhar ante toda pessoa a virgindade, a pobreza e a obediência. Este testemunho se faz mediante o serviço à Igreja e à humanidade em múltiplas tarefas: ensino, catequese, projetos de desenvolvimento, atenção aos mais deserdados ali onde vivem, com quem se compartilha vida e esperança.

Ser missionária agostiniana recoleta significa viver segundo o espírito de Santo Agostinho e sendo fiel ao espírito da Recoleção Agostiniana anunciando Jesus Cristo.

A Fraternidade Secular Agostiniano-Recoleta

Ser membro da Fraternidade Secular Agostiniano-Recoleta significa viver em plenitude a consagração do batismo, guiado pelos ensinamentos de Santo Agostinho, conforme o carisma agostiniano recoleto e, dêsta maneira, abraçar o espírito das bem-aventuranças.

Assim, estes leigos se comprometem a servir à Igreja e à humanidade dentro de seu ambiente cotidiano na família, no trabalho ou no lazer.

Cada membro da Fraternidade Secular deseja configurar sua vida de acordo com a espiritualidade agostiniana recoleta e seus valores, unidos em uma só alma e um só coração com muitas outras pessoas de todo o mundo e de diferentes culturas, mas com o mesmo propósito e um mesmo itinerário pessoal e comunitário a seguir.

Para isso, o membro da Fraternidade Secular se compromete a viver uma Regra de vida segundo o Evangelho, os valores agostinianos e a oração constante.

Ser membro da Fraternidade Secular é cumprir o mandato de Jesus de ir pelo mundo inteiro e pregar o Evangelho, respondendo com eficácia a esse chamado do Pai; e por isso, unem toda a Igreja na oração, na evangelização e no exercício da caridade cristã.

Os membros da Fraternidade Secular Agostiniano-Recoleta realizam encontros de oração e formação, e seguem um itinerário que os conduz a um crescimento constante na alegria, na partilha de vida e valores, sempre em comunidade de irmãos.

Juventudes Agostiniano-Recoletas (JAR)

As Juventudes Agostiniano-Recoletas (JAR) são o movimento juvenil católico promovido pela Família Agostiniano-Recoleta. Seu principal objetivo é a vivência do carisma agostiniano recoleto como meio de crescimento pessoal e comunitário, bem como uma proposta concreta de felicidade e plenitude de vida.

A cada adolescente e jovem agostiniano recoleto se oferece um itinerário para o encontro com Jesus e com seus irmãos a partir da amizade, do acompanhamento, da busca da verdade e do serviço aos demais.

Este movimento de cunho agostiniano e recoleto oferece espaços de amizade e comunidade, muito apropriados para a comunicação da experiência cristã.

Também fomenta a busca da verdade e dos valores transcendentais; gera espaços de liberdade e progresso humano; desenvolve trabalhos de ação social em resposta às necessidades mais prementes do entorno; e cultiva a vida interior, através da escuta atenta da Palavra e da oração.

As JAR nascem sob o amparo da Virgem Maria, Mãe da Consolação, e a ela confiam suas atividades e sua própria vida.

As JAR querem gerar caminhos de esperança nas novas gerações de cristãos, para que se preparem para uma vida adulta cheia de felicidade e de valores que ajudem a construir suas pessoas, suas famílias e toda a sociedade.

Mães Cristãs de Santa Mônica

As Mães Cristãs de Santa Mônica formam pequenas comunidades de mães, chamadas "coros", cuja finalidade principal é a oração para manter viva a fé dos filhos próprios e de outras mães.

Esta associação vive da torrente espiritual de Santo Agostinho, através da Família Agostiniano-Recoleta.

Na vida de Agostinho de Hipona emerge a presença e influência de sua mãe, santa Mônica, de uma importância fundamental em todo o processo vital de seu filho [pág. 9].

Santo Agostinho, em seus escritos, fala de santa Mônica com grande veneração e delicadeza, e delineia o rosto espiritual de sua mãe como o de uma mulher cristã com todas suas consequências.

Mônica apresenta-se como um verdadeiro modelo, pois com sua paciência e oração constantes, e com a firmeza de sua fé, obteve a conversão de seu esposo e de seu filho Agostinho, que, em seus escritos, a descreveu da seguinte forma:

“Todos que a conheceram encontraram nela motivos de sobra para vos elogiar, honrar e amar. Senti vossa presença em meu coração pelo testemunho dos frutos de uma conduta santa”.

Seguindo este exemplo, os coros de Mães Cristãs de Santa Mônica seguem hoje o compromisso fundamental de oração diária pelos seus. Os coros, compostos por sete mães, asseguram uma oração diária sincera, próxima e amorosa em cada um dos dias da semana pelas famílias das sete mães.

Além disso, têm outros encontros de oração e convivência fraterna, diálogo e apoio mútuo.

Somos missionários

Como parte de sua missão evangelizadora e de seu entendimento do mundo e da humanidade, a Família Agostiniano-Recoleta promove os direitos humanos, a solidariedade, a justiça social, a igualdade de oportunidades, o desenvolvimento sustentável, a ecologia humana e a defesa e promoção da dignidade da pessoa em todos os âmbitos: educação, saúde, moradia, trabalho...

Tudo isso faz parte do que a comunidade católica tem chamado durante séculos “amor ao próximo”, sobre o qual há um mandato direto e específico de Jesus, o Senhor: “Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei”.

A Ordem dos Agostinianos Recoletos sempre promove estes valores. O que mudou ao longo da história foram os meios e as formas, progressivamente adaptados aos tempos.

Ainda que sejamos uma família religiosa católica, estamos abertos a todo tipo de pessoas e instituições para conseguir esses objetivos comuns mediante ações comuns.

O que tradicionalmente se chamou “missões” abarca hoje um espectro mais complexo. Atendemos ao chamado da Igreja sobre as “novas pobreza”, que vão para além da falta de recursos materiais. Nas seguintes páginas oferecemos a você informação sobre alguns destes projetos concretos.

Também oferecemos canais para você ser solidário. O amor ao próximo complementa a toda pessoa, nos faz melhores, nos dá felicidade, nos ajuda a crescer de um modo íntegro. No lado contrário estão as atitudes egoístas, que entristecem, empobrecem e nos afastam da integridade como seres humanos.

